



Realizando a Qualidade

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS – CECEN
CURSO DE PEDAGOGIA

NATANIELE DE ALMEIDA CARVALHO

**MOTIVAÇÃO E APRENDIZAGEM NA CONSTRUÇÃO DA
AUTOESTIMA:** Uma observação realizada nos anos iniciais do Ensino
Fundamental

SÃO LUÍS

2019

NATANIELE DE ALMEIDA CARVALHO

**MOTIVAÇÃO E APRENDIZAGEM NA CONSTRUÇÃO DA
AUTOESTIMA:** Uma observação realizada nos anos iniciais do Ensino
Fundamental

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade Estadual do
Maranhão para obtenção do grau de
Licenciatura em Pedagogia.
Orientadora: Prof^a. Emanuelle Heradita
Ribeiro Cavalcante.

SÃO LUÍS

2019

Carvalho, Nataniele de Almeida

Motivação e Aprendizagem na construção da Autoestima: uma observação realizada nos anos iniciais do Ensino Fundamental / Nataniele de Almeida Carvalho.- 1. Ed.- São Luís: EDUEMA, 2019.

62 p.

Monografia (Graduação) Curso de Pedagogia – Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

1. Autoestima, Aprendizagem, Educação e Ensino;
I Título.

CDU 37.012

NATANIELE DE ALMEIDA CARVALHO

**MOTIVAÇÃO E APRENDIZAGEM NA CONSTRUÇÃO DA
AUTOESTIMA:** Uma observação realizada nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Emmanuelle Heradita Ribeiro Cavalcante (Orientadora)

Universidade Estadual do Maranhão- UEMA

Universidade Estadual do Maranhão- UEMA

Dedico este trabalho à minha família e amigos que direta ou indiretamente colaboraram para a realização desta missão e conseqüentemente da minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que sempre proporcionou, em minhas experiências de vida, melhorar e aperfeiçoar minhas capacidades profissional e pessoal.

À minha orientadora pela orientação e conhecimentos transmitidos.

Aos meus familiares, amigos e pessoas próximas que direta ou indiretamente, com incentivos ou críticas me impulsionaram na realização de mais um projeto.

Ao meu esposo pelo incentivo e apoio nas horas de desânimo e que me fez acreditar que tudo é possível quando se tem fé.

Aos meus colegas de turma que viveram e conviveram comigo cada passo para a realização deste trabalho.

"Autoestima não é teoria, é prática diária, cresce quando você gosta do que faz, do que fala, do que cria, e do que emana de bom para cada pessoa que encontra".

(Solange Gomes)

RESUMO

O presente trabalho aborda o papel da motivação e aprendizagem para construção da autoestima. Portanto, buscou-se nessa temática entender a autoestima como um resultado do ensino e aprendizagem, considerando a criatividade, esforços, prontidão e determinação em sua importância para o sistema de recompensa, desenvolvendo ainda, um retorno significativo durante a aquisição de conhecimento. Mensurou-se a concepção da autoestima para melhor compreendê-la e entender sua relevância no desenvolvimento comportamental, intelectual, cognitivo e social do aluno. Ainda afirmou-se nesse aspecto a influência significativa do ambiente de convivência bem como o favorecimento das habilidades e competências da criança com a parceria da escola com a família. Proporcionaram-se ainda os aspectos diagnósticos em uma escola pública Escola Rubem Goulart Anexo I e II (R.G.A.I.), outra escola particular e Escola Educandário do Sol (E.D.S.). Como resultados da pesquisa considerou-se que a formação continuada é relevante no desenvolvimento do aluno já que o profissional entende, com capacitação, os melhores métodos a serem tomados. Ainda identificou-se alguns métodos considerados pelos professores em ambas as instituições a fim de buscar a autoestima na realidade do seu alunado.

Palavras-chave: Autoestima, Aprendizagem, Educação; Ensino.

ABSTRAT

This paper addresses the role of motivation and learning for building self-esteem. Therefore, you seek this theory to automatically understand as a result of teaching and learning, considering creativity, requirements, readiness and determination in their importance to the reward system, and developing with significant return during the use of knowledge. A self-esteem project was measured to better understand and understand its relevance in the student's behavioral, intellectual, cognitive and social development. It was also affirmed in this aspect the significant influence of the living environment, as well as the favoring of the child's abilities and competences with a school-family partnership. Diagnostic aspects are also provided in a public school Rubens Goulart Annex I and II School (R.G.A.I.), another private school and Educandário do Sol School (E.D.S.). As the research results consider that continuing education is relevant in student development since the professional understands, with ability, the best methods to be taken. We also identified some methods considered by teachers in institutions to obtain self-esteem in the reality of their students.

Keywords: Self-esteem; Learning; Education; Teaching.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: IDH - Índice de Desenv. Humano (Primeiro trimestre de 2019)	29
Gráfico 02: Experiência nas Séries Iniciais (R.G.A.I.)	41
Gráfico 03: Experiência nas Séries Iniciais (E.D.S.)	41
Gráfico 04: Diagnóstico de aluno com Baixa Autoestima (R.G.A.I.)	42
Gráfico 05: Diagnóstico de aluno com Baixa Autoestima (E.D.S.)	43
Gráfico 06: Fracasso Escolar e Autoestima (R.G.A.I.)	44
Gráfico 07: Fracasso Escolar e Autoestima (E.D.S.).....	44
Gráfico 08: Efetividade da Autoestima pela Aprendizagem (R.G.A.I.) – Percepção dos pais	45
Gráfico 09: Efetividade da Autoestima pela Aprendizagem (E.D.S.) – Percepção dos pais	46
Gráfico 10: Formação Continuada do Professor (R.G.A.I.).....	47
Gráfico 11: Formação Continuada do Professor (E.D.S.)	47
Gráfico 12: Formação Docente e Aprendizagem para a Autoestima (R.G.A.I.).....	49
Gráfico 13: Formação Docente e Aprendizagem para a Autoestima (E.D.S.).....	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM	14
2.1 A importância da Criatividade.....	16
3 CONCEPÇÕES ACERCA DA AUTOESTIMA	18
3.1 A autoestima no mundo moderno.....	21
3.2 A aprendizagem e a autoestima.....	23
3.3 Os desafios da Aprendizagem na busca Autoestima.....	25
3.3.1 Fatores Sociais Econômicos.....	27
3.3.2 Fatores Físicos e Mentais	30
3.4 A Família, a Aprendizagem e a Motivação.....	33
3.5 A Importância da Formação Continuada do professor.....	37
4 METODOLOGIA	39
5 ASPECTOS DIAGNÓSTICOS DAS ESCOLAS PESQUISADAS	41
5.1 Escola Rubens Goulart Anexo I e II (R.G.A.I.) e Escola Educandário do Sol (E.D.S.).....	41
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54
ANEXO	57
APÊNDICE	58

1 INTRODUÇÃO

O cenário em que tem se apresentado a sala de aula, quanto à atuação pedagógica, indica que é fundamental saber mais sobre a importância da autoestima para o desenvolvimento do aluno, pois o rápido processo de transformação pela qual tem passado a educação, demanda a busca pelos avanços na aprendizagem.

Entretanto, nessa busca, observamos que algumas situações podem comprometer a aprendizagem e os fatos que incidem como entraves nesse processo, podem estar associados à estrutura familiar, bem como escolar. Daí pode-se considerar como agravantes: a insegurança, a falta de apoio paterna e materna, a dinâmica familiar, cobranças e exigências autoritárias, falta de limites, motivação e afetividade, crise econômica e existencial, falta de ambiente estimulador, sedentarismo eletrônico, dentre outros relacionados à autoestima do indivíduo, levando-o a desenvolver uma autoestima baixa e, conseqüentemente, o comportamento ao reflexo da aprendizagem.

Sabemos que adquirir conhecimentos é uma capacidade contínua. É um processo que requer esforços, prontidão, determinação e motivação. Percebemos a importância da autoestima para a aprendizagem da criança, pois ao ter uma autoestima elevada ela se sente mais segura a aprender a ler, escrever, produzir, interpretar e criar.

Um ambiente rico em informações favorece à criança a construção de sua identidade, valores morais, atos variados, além de inúmeras habilidades. E, na convivência em grupo a criança abstrai os valores necessários à vida em sociedade, criando a partir desses valores condições para expressar naturalmente seus sentimentos.

Faz-se necessário, no entanto, que professor e escola desenvolvam propostas ricas em estímulos, bem como projetos que oportunizem as pessoas tornarem-se otimistas, que saibam lidar com as próprias emoções e elaborar situações que lhes permitam enfrentar e superar suas dificuldades.

A partir dessas inquietações é que surgiu o desejo de pesquisar em relação a essa temática, uma vez que no exercício da prática docente é possível perceber alunos que apresentam baixa autoestima e, por conseqüência, um baixo rendimento no que concerne à apreensão da leitura e à aprendizagem e, portanto, não são alcançados pelas propostas de ensino permanecendo apáticos em sala de

aula, avançando nas etapas, sem apropriarem-se da leitura, gerando inquietações quanto a aquisição da aprendizagem na escola.

Deve-se analisar que a criança também precisa ser estimulada, incentivada e observada no ambiente escolar, para que por meio desses aspectos possamos apresentar e realizar oportunidades para que a autoestima do aluno seja sempre positiva.

Reflete-se, ainda, a importância dos pais e professores na convivência com essa criança com dificuldade de aprendizagem, de forma que a escola possa se tornar um lugar com oportunidades para todos que dela participam.

Nesse sentido a presente pesquisa pretende esclarecer aos professores e pais que as dificuldades de aprendizagem de suas crianças podem estar relacionadas com a autoestima, assim como, contribuir para o desenvolvimento da temática e fazer com que pais e profissionais estejam atentos à construção da mesma.

Para isso, compreende-se na definição de autoestima a valorização do eu, com a tomada da liberdade em demonstrar suas habilidades através do modo de ser e agir, assumindo, portanto, confiança nos atos e julgamentos. Essa prerrogativa observa-se no encorajamento pessoal do indivíduo em formação, já que implica na construção de um ser cada vez mais capaz de enfrentar seus desafios, tanto internos quanto externos, fortalecendo, assim, a pessoa que a criança se tornará, capacitando-a para novos aprendizados.

A formação da criança exerce forte influência na sua identidade, na sua moral, e em seus princípios, favorecendo o desenvolvimento de competências comportamentais e de conhecimento necessários para a vida em sociedade, através de projetos e planos que incentivem o convívio em grupo, internalizando, dessa forma, a imensurável importância do respeito a si mesmo e ao outro.

A criança tem, por natureza, a inquietação e curiosidade ao descobrir o novo, e isso intensifica a oportunidade do docente na implementação de aulas e projetos que incentivem o estímulo e a motivação ao conhecimento. No entanto, há discrepantes casos de baixo rendimento de crianças introvertidas, o que notadamente dificulta a aprendizagem, e esse diagnóstico precisa ser um aspecto constantemente observado pelo professor.

Complementa-se, ainda, a importância da comunidade no ensino e aprendizagem, assim como o acompanhamento dos pais e/ou responsáveis

buscando o objetivo sustentado pela educação, levando-se em consideração a constituição diária das atividades da criança como fator impulsionador ou desmotivador para o aproveitamento escolar.

Nesse sentido, este trabalho de pesquisa consiste em levantar dados diagnósticos da relevância do âmbito familiar sobre o desenvolvimento do aluno, e como a parceria entre a comunidade e a escola pode fortalecer o parâmetro acerca do aproveitamento significativo do indivíduo em formação.

Além disso, pode-se mensurar através de dados estatísticos, por meio de questionários aplicados a professores e coordenadores, como fundamento diagnóstico e/ou norteador de possibilidades solucionais no processo de ensino-aprendizagem desenvolvido pela Escola Rubem Goulart Anexo I e II (R.G.A.I.) e Escola Educandário do Sol (E.D.S.) nos anos iniciais do Ensino Fundamental do 1º ao 4º ano, na cidade de São Luís – MA.

Utilizaram-se, para fundamentação deste trabalho, pesquisas bibliográficas com o intuito de fortalecer a temática e respaldar o critério científico de natureza educacional, além da pesquisa de campo e sua respectiva análise para melhor identificar, em sua particularidade, uma conjuntura correspondente à realidade da educação nas escolas pesquisadas.

Objetiva-se, de forma geral, a relevância da autoestima no processo de ensino aprendizagem das crianças nos anos iniciais do ensino fundamental, e como através do sistema diagnóstico, podem-se compreender os procedimentos necessários para alcançar esse fim. Assim, levantar-se-á aspectos conceituais sobre a importância da autoestima pela personalidade de cada criança, e quais metodologias podem intensificar a abordagem correlacionando a autoestima ao ensino e aprendizagem.

Entender-se-á, assim, a autoestima na aprendizagem como resultado almejado na construção do conhecimento, intensificando esse processo pela motivação como ferramenta impulsionadora no desenvolvimento da criança. Para isso, consideram-se aspectos conceituais, históricos e diagnósticos sobre a temática. No entanto, é necessária uma discussão contínua do assunto, já que esse aspecto na educação brasileira tem sido cada dia mais importante para a formação de cidadãos na construção de uma sociedade mais interessada na busca pelo conhecimento.

2 A MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Inicialmente, a temática da aprendizagem, estrutura-se a partir do ponto de vista psicológico, onde o que importa no processo de ensino é sua gama de conhecimentos, e aperfeiçoar a ferramenta para que o ensino seja transmitido de forma significativa. Nessa perspectiva, Consolo e Abrão (2004) propõem realizar o esforço do aluno por novas situações, com novos problemas e com novos conhecimentos a partir do sistema comportamental psicológico da criança.

Além do empirismo trazido pelo aluno a partir da sua convivência social, é importante também mensurar a sua etapa de vida. Ou seja, este estudo, como é voltado para os anos iniciais do 1º ao 4º ano, compreenderá o desempenho das crianças que vislumbram o período operatório concreto, neste caso, crianças de 6 a 12 anos.

Nessa fase a criança torna-se capaz de organizar as suas ideias em sequência. A teoria do próprio Piaget nos mostra, ao estudar o período das operações concretas, que além de o período ser bastante diversificado, a sua origem será sempre um processo que evolui progressivamente de motores para respectivos ou intuitivos. (JESUS, 2010, p. 21)

Nesse período a aceitação é imprescindível para o indivíduo, pois já demonstra interesse em se inter-relacionar com seus amigos, através de brincadeiras e interesses comuns. Isso demonstra o surgimento efetivo das relações sociais e interesse primário em participar de um grupo.

Nessa fase, geralmente os alunos já estão predispostos à escrita e à leitura e, assim, podem ser incentivados à leitura de livros, revistas e outras ferramentas instrumentais para o processo de ensino e aprendizagem. Contudo, observa-se que, muitos jogos podem, também, ser atrelados ao humor, a saber: a elaboração de poemas, poesias, cartas, textos, que possam lembrar a estruturação da língua, da gramática, da ortografia. Assim,

A possibilidade pauta-se na exposição de recursos subjetivos dos professores que são facilitadores da criatividade, principalmente pela evidência da forte motivação pelo trabalho docente com reflexos sociais. Associando-se a motivação, identificamos força para a superação de desafios pessoais e profissionais. (BARRETO, 2009, p. 64)

A motivação torna-se indispensável no processo, pois associa ao indivíduo aquilo que lhe move, que lhe incentiva, para realizar novas aprendizagens. A motivação associa-se ao ensino o critério emocional e comportamental do indivíduo de uma forma estruturada pelo profissional da Educação, onde o aluno

“deve estar disposto a realizar o esforço necessário que toda aprendizagem requer” (TABIA, 2006, p. 71), construindo, assim, conceitos e condições para sua realização. Para entender o processo de ensino-aprendizagem dentro da formação escolar precisa se buscar procedimentos metodológicos de conceito de aprendizagem possíveis e integrados à realidade do indivíduo.

Visando a motivação dentro do processo de ensino-aprendizagem, Consolo e Abraão (2004, p. 37 e 38) consideram que a aprendizagem se posiciona mediante quatro subtipos de motivação:

1. motivação intrínseca: interesse generalizado de investir esforço na aprendizagem por si só;
2. motivação extrínseca: aquela derivada de algum tipo de incentivo externo;
3. motivação instrumental: desejo de obter reconhecimento social ou vantagens econômicas com a língua;
4. motivação integrativa: caracterizada pelas atitudes positivas em relação ao grupo de falantes da língua-alvo, pelo desejo ou vontade de integração esse grupo.

Pelos tipos de motivação, pode-se entender que a aprendizagem é o esforço do indivíduo por vários interesses e pode ser através da situação social, pessoal, econômica e comunicacional. Entende-se assim, que a aquisição de conhecimentos traz algum benefício significativo na sua formação: satisfação, curiosidade, exploração do mundo ao seu redor. Ainda pelo propósito de simplificar a concepção da comunicação e dos princípios que sustentam o sistema educacional e motivacional, Rangel acentua que:

A sistematização do conhecimento também realizada em sua atenção ao desenvolvimento intelectual. Nesse desenvolvimento, considera-se a sua inteligência, com ênfase no processo evolutivo da compreensão invenção. Compreender (clarificar) e criar são, portanto, manifestações significativas da inteligência. (RANGEL, 2005, p. 67)

A aplicação das noções de criatividade está associada diretamente ao processo da ação, pois a partir do momento que o indivíduo passa a agir de forma criativa consegue elaborar, construir e reconhecer aquilo em que lhe cabe através da realidade, tanto comportamental quanto racional e correlacionável aos níveis de cognição, capacidades e competências.

Além disso, a sistematização do processo ensino-aprendizagem fundamentado a partir da motivação leva o indivíduo à capacidade de pensar e refletir, mediante aquilo que aprendeu e o que precisa aprender para desenvolver melhor o que já sabe.

Por isso, a motivação, na verdade, é algo que é multiplicado e precisa ser repassado de forma fiel e expressado, generalizadamente, em todas as atividades que, porventura, sejam desenvolvidas. Isso requer dizer que, a motivação no trabalho do profissional da educação precisa ser repassada para os alunos. Nesse sentido, não há aluno motivado sem um professor motivado. Não há aluno criativo sem um professor criativo.

2.1 A importância da Criatividade

A educação convencional considerava trabalhar produzindo conhecimentos recebidos com autoridade do professor e submissão do aluno. Isso implicava na não criticidade dos métodos, já que não se considerava as particularidades de cada discente. Hoje, notadamente, essa prática foi abolida, dando espaço a uma funcionalidade voltada para uma funcionalidade educativa, haja vista que o profissional precisa acumular, no processo de aprendizagem, aquilo que o aluno traz como experiência de vida, além de contemplar o seu comportamento. Isso atrelado à dialética da criatividade só vem reproduzir bons frutos motivacionais, pois

Assim como a afetividade tem um valor nuclear para desenvolvimento humano, biológico e antropológicamente - dado que, desde nossos ancestrais, ausência da oferta sempre produziu incontestáveis prejuízos a espécie humana -, a importância da criatividade é uma discussão em contestável. Foi balizado por ela que o homem pré-histórico angariou as soluções mais importantes para que pudesse fazer frente a uma natureza desconhecida e ameaçadora tornando-a sua aliada na garantia da sobrevivência de nossa espécie na terra inóspita a ser domada. (MIRANDA, 2014, p. 34)

Como Miranda afirma, a criatividade é uma ferramenta de códigos comunicacionais que aperfeiçoa a comunicação entre os indivíduos para intensificar a construção cultural e de conhecimentos, favorecendo o desenvolvimento do indivíduo dentro da sua natureza cognitiva. Por isso, a criatividade como ferramenta no processo de aprendizagem é uma valiosa estratégia para conquistar a atenção do aluno ajustando o lúdico à curiosidade de cada um.

Com o propósito de manter a criatividade do aluno, Eunice Alencar considera que:

O professor deve destinar algum tempo para que os alunos, individualmente ou em pequenos grupos, respondam alguns desafios propostos. É importante manter o clima leve e lúdico, deixando claro que não existem

respostas boas ou más, certas ou erradas, toda ideia é bem-vinda. Após completar o tempo o professor deve solicitar a cada aluno que leia suas ideias para os colegas, estimulando a exposição daquelas respostas que, em sua opinião, não foram lembradas por mais ninguém. (ALENCAR ET. AL., 2018, p. 58)

Nesse paradigma, considera-se a criatividade e a exposição dela, como uma forma de estimular a autoestima do indivíduo a partir da demonstração das suas ideias, do seu comportamento e da sua personalidade que, individual ou coletivamente, é construída. Nesse processo, considera-se a elaboração como fomento dos detalhes e das ideias construídas a partir da busca pelas soluções e demonstrações dos resultados obtidos, ao passo da construção de atitudes criativas.

Pensando nesse processo de ensino-aprendizagem pela ludicidade, Eduardo Cid (2017), em seu livro sobre a importância dos jogos pela construção de uma aprendizagem mais motivadora, compreendeu os jogos didáticos como uma ferramenta intensificadora da criatividade. Ele argumenta que 91% dos professores consideram esse método significativamente relevante no desenvolvimento das aulas e no aumento da motivação dos alunos.

Quantos jogos didáticos, especificamente citados como alternativa pedagógica, muitas entendem que a inserção é importante para o desenvolvimento das atividades em sala de aula [...]. Mesmo executando planejamento de aula, é necessário fazer adequações e nem sempre o que foi proposto pode ser executado, o que leva à necessidade de constante monitorar os resultados para detectar dificuldades de aprendizagem, níveis de motivação e repensar os objetivos, conteúdos, projetos e estratégias de ensino. (CID, 2017, p. 110 e 111)

Assim, Cid ressalta a importância de elaborar o processo criativo a partir da realidade de cada grupo de alunos dentro da escola, enfatizando a necessidade de monitoramento, tendo em vista a flexibilidade do planejamento e ainda a execução do mesmo para o alcance dos objetivos propostos de acordo com as competências e habilidades do grupo. Portanto, a partir desse pressuposto, a criatividade no contexto educacional, é essencial para a motivação e construção da autoconfiança do indivíduo, não somente no processo de ensino-aprendizagem, mas também nas situações adversas do cotidiano, tanto sentimentais quanto comportamentais, vislumbrando a consciência da sua autoafirmação como ser social e imprescindível na comunidade da qual faz parte.

3 CONCEPÇÕES ACERCA DA AUTOESTIMA

Segundo o dicionário Aurélio autoestima significa: "Apreço ou valorização que uma pessoa confere a si própria, permitindo-lhe ter confiança nos próprios atos e pensamentos" (FERREIRA, 2010). Portanto, a autoestima é definida como uma avaliação da pessoa sobre sua própria positividade ou negatividade em um determinado grau. Dessa forma, a temática cria uma relação entre os termos autoestima, autoconfiança, autoaceitação e autoimagem, como representações de emoções, crenças e comportamentos desenvolvendo a assertividade ou temeridade, a confiança ou cautela nas suas relações interpessoais. Nesse sentido, a autoestima visa a felicidade como produto final, caracterizada como termômetro do bem-estar individual, formada pelas situações em que a pessoa vive, e na soma de seus êxitos ou insucessos.

Ademais, Baumeister et al. (2003) apud Santos (2018), afirma que:

[...] a autoestima não é uma fonte de motivação, pois traduz o momento da pessoa não servindo como base motivacional para induzi-la ao sucesso. Como se vê, é de grande valia a posição doutrinária trazida, ao consolidar que a autoestima se traduz um reflexo pós-eventos positivos ou negativos. Assim, utilizar a autoestima como fator de motivação revela-se um equívoco, uma inversão da ordem natural dos eventos internos. Ter autoestima como ponto de partida da motivação é estimular o efeito e não a causa. (BAUMEISTER et al. apud SANTOS, 2018 p. 122)

Partindo desse ponto de vista, a autoestima, ao contrário do que normalmente se trata, é um efeito de expressão do cotidiano através de um determinado momento e estado de espírito, no entanto essa equivalência considerara a necessidade da motivação contínua do indivíduo para subjugar-lo ao sucesso e às possibilidades positivas quando se refere à educação. Conforme tais considerações de Baumeister, a autoestima é resultado da motivação, e não ponto inicial de incentivo.

Ao considerar a autoestima como resultado é importante que os educadores identifiquem o estímulo interno da motivação para a autoestima, e ainda a motivação externa utilizando a base comportamental do indivíduo. Isso porque uma decisão precisa ser tomada pelos docentes: ou você tem marionetes impulsionadas, ou você tem pessoas dispostas a fazerem o melhor de si.

Partindo-se do conceito humanista da Psicologia, principalmente defendida por Rogers sobre a autoestima, considera-se a experiência ou in experiência de si próprio para articular sua valorização e aceitação nas relações

interpessoais ou intrapessoais. Portanto Guedes (2010, p. 27) afirma que, para Rogers: “todo ser humano, sem exceção, pelo mero fato de ser, é digno de respeito incondicional dos demais e de si mesmo, merece estimar-se a si mesmo e que se lhe estime”.

Nessa premissa podemos afirmar, ainda, que a consistência motivacional é sistematizada socialmente pela convivência com os familiares, os pais, os mestres, a quem acompanham as nossas condições de valia e constrói o crescimento psicossocial.

Assim, o merecimento se torna algo condicional, ou seja, “se você comer tudo você ganhará um doce” ou “se você terminar o prato de verduras você irá brincar lá fora”. Essa construção explica a influência motivacional sobre a autoestima do indivíduo, pois a condição foi posicionada como determinante à validade, utilidade ou merecimento.

Para, Santos (2018, p. 162) “as emoções são nossos sustentáculos de adaptação, servindo como ajuste” das nossas condições comportamentais. Isso nos remete à disposição, o entusiasmo, a vontade de agir em prol de algo decorrente do vínculo emocional.

A partir desse pensamento, Weiber (2010), considera que:

No processo de vivenciar esse crescimento, é muito fácil que nos fechamos para o autoconceito positivo, ficando totalmente inertes às situações. Poderemos nunca chegar a uma visão feliz de nós mesmos devido a informações negativas vindas dos outros, ou porque falhamos na própria honestidade, integridade, responsabilidade e confiança, ou porque julgamos nossas próprias ações com a compreensão e com a compaixão inadequadas. (WEIBER, 2010, p. 20)

Para tanto, essa confiança é uma questão de estágio de conhecimento, assim como, a autoestima constitui-se na construção das capacidades do próprio indivíduo, e a forma como este enfrenta a sua vida e traça suas metas. Ademais “não é preciso nos sentirmos inferiores para que queiramos nos sentir mais confiantes. Não temos de nos sentir miseráveis para querer expandir nossa capacidade de alegria”. Weiber (2010 p. 22), afirma nessa dicotomia que apesar dos extremos se correlacionarem não podem ser métodos usados na busca da autoconfiança do indivíduo, através dos patamares de inferioridade ou decadência do reconhecimento próprio.

Essa concepção da pessoa de si mesma, através da autoestima, constrói-se por fatores externos e internos ao indivíduo, pelo recebimento de informações em

uma construção do processo cognitivo, por meio do entendimento de múltiplas avaliações sobre o seu próprio desempenho, de suas habilidades e de suas características particulares.

Cabe compreender, então, que o autoconhecimento é indispensável para a constância e efetividade da autoestima, pois, além de ser um processo de autoconceito, autopreservação e autoconstrução, é também a possibilidade de influenciar as habilidades e capacidades de outros indivíduos socialmente, já que somos frutos de opiniões alheias internalizadas nessa construção interpessoal.

Para Moysés (2003):

Em termos práticos, a autoestima se revela como uma disposição que temos para nos ver como pessoas merecedoras de respeito e capazes de enfrentar desafios básicos da vida. Porque é fruto de diferentes percepções que a pessoa faz sobre si mesma, o autoconceito comporta várias facetas. (Moysés, 2014, p. 24)

Muito dessa construção, baseia-se nas habilidades sociais, nas habilidades motoras, no desempenho intelectual, na aparência física, e ainda por metodologias de construção e formação, obedecendo a patamares cognitivos internalizados socialmente. As relações sociais são consideradas um círculo, e, concomitante ao crescimento das crianças está aquilo que antes era interpessoal, passando para o intrapessoal assim como Vygotsky apud Moysés (2014, p. 26), defende:

[...] as crianças [...] somente adquirem o caráter de processos internos como resultado de um desenvolvimento prolongado. Sua transferência para dentro está ligada a mudanças nas leis que governam sua atividade; elas são incorporadas em um novo sistema com suas próprias leis.

Relaciona-se à construção da autoestima a capacidade de comunicação e linguagem das crianças em suas experiências interpessoais, considerando assim o efeito do sistema de signos nessa formação. Quando o nível da autoestima atravessa a estrutura das atitudes infantis, as influências sobre esses aspectos estão ligadas intimamente aos rótulos que as crianças recebem através das linguagens verbais e não verbais nas suas experiências sociais.

Seus aborrecimentos ou satisfações são agregados em múltiplos exemplos de incentivos ou agressões, que sofrem com maior influência na infância do que na fase adulta. Assim, a criança ao ouvir uma rotulação a seu respeito, físico ou comportamental, tende a incorporar repetidamente à sua identidade

acreditando na correlação da sua personalidade com aquilo que foi rotulado na sua construção cognitiva. Por isso, é imprescindível entender a identidade social e histórica do indivíduo, principalmente, utilizando os tipos de linguagem, para tratar da autoestima, essencialmente na infância, já que é o momento intenso e fundamental na formação do ser humano.

3.1 Autoestima no mundo moderno

Atualmente, os conceitos do que você é, e do que você é capaz de fazer são procedimentos cada vez mais peculiares e relevantes, já que a construção pessoal do indivíduo é cada vez mais importante pelo princípio da vivência social. Admite-se assim, paradigmas de modelos idealizados por uma construção cultural desde a infância, onde o indivíduo busca aquele patamar almejado como motivação para confiar no seu próprio intelecto, além de construir um determinado comportamento, a partir das 'tendências'. E assim, desenvolver habilidades é relativamente importante, possibilitando um "Lugar ao Sol".

No mundo moderno, segundo Filho (2010), os fundamentos do desempenho, tanto emocionais quanto profissionais, estão ligados ao ego, à aceitação do indivíduo, não tal como ele é, mas como ele deve ser. Esses aspectos influenciam diretamente na vulnerabilidade do sujeito, já que este retém para si, não o que lhe é importante, mas o que o mundo considera relevante. Porém, muitos indivíduos tendem a esperar do outro aquilo que lhe cabe como aspecto pessoal, adquirindo dificuldades com as diferenças e idealizando o outro de acordo com suas próprias necessidades.

A naturalidade, a autoconfiança e a autoestima exacerbada podem ser aspirantes a problemas profissionais, já que com o egocentrismo na independência dos trabalhos prestados, produzem individualidades. Segundo Perry Garcia, em entrevista à revista El País, artigo de Oliver (2019), a respeito do excesso de autoestima no trabalho, o autor aponta que "o ego não é ruim por si só, pois um nível baixo de autoestima pode nos deixar vulneráveis, enquanto um excesso nos fará perder a perspectiva e as habilidades emocionais e sociais fundamentais para o desempenho profissional.

Essas vertentes refletem o nível espontâneo da competitividade, tanto no mercado quanto nas relações pessoais. A autoestima é como um signo da felicidade, visando constituir a performance ideal em uma sociedade de espetáculo.

Acerca dessa temática, Filho (2010), afirma que:

[...] pelo retraimento subjetivo que sempre provoca, ao lado da diminuição significativa da mobilidade psíquica e social do indivíduo, indica claramente a impossibilidade da autonomia e da performance do sujeito, que se conjuga com a baixa da sua autoestima. Numa situação de depressão, com efeito, o sujeito passa a se denegrir a desvalorizar, indicando assim a baixa voltagem de sua autoestima. Enfim, é o fracasso performático do sujeito que se evidencia em alto na depressão sendo esta, pois, um dos signos maiores da infelicidade na contemporaneidade. (FILHO, 2010, p. 42)

Circundante a esses aspectos fomentados por Filho, é notável afirmar que, a depressão como um estigma da sociedade moderna contemporânea, considerada a cada dia uma doença que disseca a vivacidade do sujeito, no mundo onde se valorizam a autonomia, performance e a visibilidade do espetáculo, e quando essa autonomia e segurança não se firmam, possibilita o sofrimento interno e a angústia por suas incapacidades.

Além da depressão, a síndrome do pânico é, também, um dos transtornos enfrentados na contemporaneidade, conforme observa Birman:

A síndrome do pânico é uma das formas de sofrimento que se disseminaram também na atualidade na medida em que nela a angústia se transforma imediatamente em terror da morte quando o sujeito não consegue mais sustentar autonomia na sua performance de maneira a não poder responder mais as expectativas do outro, fracassando fragorosamente na cena do espetáculo. (BIRMAN apud FILHO, 2010, p. 43)

Além da problemática com a síndrome do pânico, muitos ainda recorrem ao uso de drogas para amenizar o desconforto do seu desempenho social, como fuga da própria realidade, antídoto da expansão de si mesmo. Como a autoestima do homem tem um potencial altamente centralizador ou descentralizador, consiste efetivamente no que o indivíduo se torna, da utilidade enquanto cidadão, e enquanto pessoa nas suas relações emocionais. Assim como Birman defende, a baixa autoestima ou a autoestima elevada podem definir o futuro de gerações, através do interesse por aquilo que realmente traz satisfação e felicidade.

Filho (2010), ainda, identifica que nos processos de convivência humana moderna, o tempo é cada vez mais sintetizado nas necessidades induzidas pelo capitalismo, necessidades estas que trazem o dever, mas não trazem o prazer, que trazem a pressão, mas não trazem alegria em fazer. O Modernismo junto com o Capitalismo na contemporaneidade disfarça as reais necessidades do ser humano por ideais culturalmente construídos no consumismo, deixando de lado algumas premissas características fundamentais do homem.

A temática da autoestima na sociedade levanta várias outras temáticas impulsionadas pelas suas semelhanças, como por exemplo, a questão de gênero, a violência contra as mulheres, idosos, crianças e pessoas que advêm de alguma vulnerabilidade. Observa-se, ainda, a construção da beleza unicamente por parâmetros físicos. Assim a autoestima tornou-se um desafio convencionado a tais problemáticas sociais.

Por isso, o indivíduo quando não se sente aceito nas suas relações interpessoais, recai no abismo da depressão e do uso das drogas, além do desenvolvimento da síndrome do pânico e tantos outros distúrbios acarretados pelo insucesso das suas habilidades e capacidades.

3.2 Aprendizagem e Autoestima

A autoestima é resultado do sistema de motivação proposto pelas expectativas fundamentais para o sucesso do indivíduo, elevando sua autoconfiança e desafiando padrões estigmatizados, o que expande suas capacidades hábeis e suficientes para alcançar seus objetivos pessoais e profissionais.

Pensando dessa forma, considera-se a autoestima uma ideia merecedora de receber ou até influenciar na aprendizagem efetiva do sujeito, uma vez que entendendo-se o conceito de autoestima e como sua influência afeta a aprendizagem e a aquisição de conhecimentos, conclui-se que a autoestima é reflexo e produto final da aprendizagem.

Portanto, Bossa (2009), afirma que:

A aprendizagem e a construção do conhecimento são processos naturais e espontâneos na nossa espécie e, se não está ocorrendo, certamente existe uma razão, pois uma lei natural está sendo contrariada. É preciso então identificar a causa dessa falha para que a vida possa seguir seu curso normal. [...] É assim que deve ser a aprendizagem escolar: um processo natural e espontâneo, mas até, um processo prazeroso. Descobrir e aprender deve ser um grande prazer. Se não é, algo está errado. (BOSSA, 2009, p.11)

Como a preocupação do profissional da educação é trazer o prazer da motivação para o processo de ensino e aprendizagem, estudiosos desenvolveram estudos em uma área específica, chama Psicopedagogia, com o intuito de melhor estudar e implementar essa metodologia no campo educativo, incorporando a Psicanálise, a Psicologia e a Psicolinguística à própria Pedagogia, inserindo, ainda,

a Neurologia e conhecimentos necessários para responder e efetivar o processo de ensino e aprendizagem.

Por isso, há a necessidade de entender a autoestima na Psicologia sobre a busca do conhecimento, compreendendo as motivações necessárias de cada indivíduo, levando ao sucesso e ao destino desejado, resultante de um processo metodológico que precisa ser prazeroso, natural e fator de melhorias.

Quando se trata da infância, como momento ideal para o desenvolvimento da motivação, da autoestima, Santos (2018), considera ainda que:

A autoestima é estar se sentindo bem consigo mesmo. A boa autoestima ajuda as crianças a experimentar coisas novas, a tomar riscos saudáveis e a resolver problemas. Isso lhes dá base sólida para a aprendizagem e o desenvolvimento. (SANTOS, 2018, p. 21)

Levando em consideração esses aspectos mencionados por Santos, quanto à autoestima na aprendizagem, é importante mencionar que ela tem três consequências básicas nesse processo, a saber: a) Fazer um indivíduo se sentir amado e pertencente a uma família, a uma comunidade e a valorizá-la; b) Passar o tempo com maior qualidade no seio familiar; c) Ser encorajado e tentar coisas novas para encontrar bonança nos outros seres, entendendo o que é importante para si.

Dessa forma, Sherratt (2016), ainda entende que:

Quando a sua autoestima em relação ao aprendizado é alta, você sabe seu valor. Você acredita que pode receber qualquer nota que esteja buscando, pois você tem autoconfiança de aprender novas matérias, superar os contratempos e perseverar em face das dificuldades. (SHERRATT, 2016, p.76)

Ademais, o conceito a ser entendido como autoimagem do indivíduo, entende-se pelas capacidades e habilidades que tem ou que pode estabelecer seus objetivos em busca de novos desafios. Por isso, Sherratt (2016), ainda considera que seu incentivo particular também é significativo para buscar esses objetivos, e isso ajuda a pessoa a reconhecer cada pequeno sucesso.

Ao usar o diálogo de forma encorajadora, positiva e saber entender os seus créditos pelas suas conquistas, correlaciona-se aos projetos e trabalhos da criança, não só aspectos quantitativos, como também qualitativos, levando-a a sentir-se bem como merecedora dos frutos por suas expectativas pessoais.

Dessa forma, sobre o desenvolvimento da aprendizagem e autoestima, Santos (2018), ainda considera que:

Se a criança quer tomar mais decisões – e é uma boa ideia deixá-lo ir a decidir entre opções seguras, amigáveis para crianças, como brinquedos para jogar ou qual chapéu vestir. Conforme eles aprendem, as crianças percebem que eles têm o poder de fazer as coisas acontecerem, o que aumenta a sua autoestima em desenvolvimento. (SANTOS, 2018, p. 16)

Isso ainda explica muito sobre ação e reação das suas atitudes, perante as outras pessoas ou perante os resultados envolvidos nesse processo. Importante assim, o mediador levar a criança a entender que cada procedimento exige uma escolha, e que cada escolha tem um resultado. Porém, cabe salientar que essas mensagens precisam da coordenação de um adulto para fazer com que a criança não se sinta pressionada, ou não sofra interferência negativa nos resultados e nas suas escolhas. Isso requer sempre que se entenda o aspecto influenciador de cada fato gerador, ou seja, como cada experiência é assimilada pela criança.

Em referência a autoestima da criança Santos (2018), afirma que algumas atitudes são prejudiciais ao seu desenvolvimento, ou seja:

Mensagens que dizem algo negativo sobre as crianças são ruins para a autoestima - por exemplo, "Você é lento, e impertinente, um valentão, as crianças fazem algo que você não gosta, é melhor dizer o que eles poderiam fazer em vez disso". Por exemplo, 'você não fez a lição de casa. Você precisa se sentar agora e terminar essas perguntas de matemática'. (SANTOS, 2018, p. 25)

Como vimos, a infância é um período da vida do indivíduo marcante e qualquer experiência pode prejudicar ou ajudar a autoestima, não somente no momento vivido, mas influenciando no desenvolvimento da criança para o resto da sua vida. E, a partir dessa premissa, entende-se que, experiências negativas ou positivas intervêm significativamente no sucesso e nas realizações da criança. Assim como, as frustrações ou experiências vividas dentro da família, já que os pais atuam diretamente através do seu convívio, com atitudes e mensagens verbais ou não verbais, levando a desmotivação ou incentivo na vida psicossocial e educacional da criança.

3.3 Os desafios da Aprendizagem na busca da Autoestima

Durante o processo de aprendizagem, o educador ou os próprios alunos, podem enfrentar dificuldades para conseguirem assimilar os conhecimentos e procedimentos desenvolvidos pelo currículo escolar. Esses fatores podem ser associados a diversas condições particulares ou coletivas dos alunos, precisam ser

pensadas e consideradas como fatores determinantes na efetividade da aprendizagem na escola.

Com esse intuito, Leite (2012, p. 81), afirma que:

É necessário que nessas situações seja relativizada a distinção entre o normal e o patológico, concebendo a questão do desajustamento do aluno ao contexto escolar numa perspectiva que considere os aspectos socioculturais e históricos. Assim, condutas que são consideradas normais em determinada etapa do desenvolvimento da personalidade, seriam consideradas anormais em outra etapa.

Por isso, vale compreender o período em que se encontra o indivíduo para entender o seu comportamento e o reflexo social e afetivo que sofre do meio. Questões de limitações físicas relacionadas à idade podem ser anormais para uma criança nas etapas iniciais de ensino, haja vista que se trata de crianças entre 6 e 12 anos, onde já devem possuir noção das suas necessidades básicas e independência em algumas atividades individuais como: ir ao banheiro, se alimentar, escovar os dentes, brincar com os colegas, etc.

Alguns outros fatores que podem dificultar a aprendizagem, também, são relacionados ao comportamental do indivíduo, o que demanda um diagnóstico muito mais aprofundado do professor mediante as circunstâncias em que se mantém o ensino e ao qual o indivíduo se encontra.

Piaget, na sua teoria do desenvolvimento da aprendizagem, defende que as circunstâncias psicológicas permitem entender as dificuldades em outro ângulo a partir do diagnóstico da empatia, agressividade, dificuldades em adaptação, depressão, imperatividade.

Por isso, Leite (2012) ainda considera que:

Na relação com à escola, a criança deve ser considerada como um indivíduo singular, que possui características de ajustamento próprios. Portanto, alguns aspectos importantes de sua história pessoal, de seu contexto social e familiar devem ser reconhecidos pelos educadores nessa criança, de forma a orientá-la e compreender o nome do seu processo de desenvolvimento. (LEITE, 2012, p. 83)

Isso quer dizer que uma criança com limitações econômicas e sociais na comunidade em que vive, notadamente, desenvolverá distúrbios comportamentais que dificultarão o seu desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem. Por isso, o contexto em que se procede precisa ser avaliado e considerado não só pela realidade do indivíduo, mas pela sua personalidade, entendendo como usa aquilo que vive, para com os conhecimentos que adquire.

3.3.1 Fatores Sociais e Econômicos

As questões referentes ao ensino e aprendizagem em relevância aos fatores sociais e econômicos correspondem às condições financeiras do seio familiar que propiciam o cuidado e o zelo para com a criança e os recursos aos quais são atrelados às suas condições físicas e de subsistência.

Isso quer dizer que a realidade da educação brasileira apresenta índices consideráveis em relação ao comportamento inadequado dos indivíduos como reflexo dos seus pais ou responsáveis, representativos pela violência doméstica, pelo uso de drogas, pela prostituição, abuso sexual e desemprego. As dificuldades de aprendizagem pelos fatores sociais e econômicos são consideradas por Rozek (Et. Al. 2017, p. 183) quando afirma que:

A vulnerabilidade, apesar de assumir centralidade em sua estruturação, relaciona-se o próprio sujeito, e não somente às condições as quais ele está exposto, denotando que o indivíduo é vulnerável, tendo em vista que ele não tem recursos suficientes para enfrentar riscos ou manejar ativos para se proteger. Assim, é necessário pontuar que é essa a concepção que se pretende superar ao se assinalar complexidade da vulnerabilidade social e sua relação com o ambiente, e não com os sujeitos, considerando o engendramento dos fatores sociais, econômicos e políticos que constituem o material.

Para entender os fatores econômicos e sociais mediante a aprendizagem, Rozek constrói alguma habilidade como uma definição básica para a contemplação desses fatores, o que implica desenvolver metodologias para esses indivíduos, levando em consideração suas peculiaridades e principalmente suas vivências e o meio em que estão inseridos. Não trabalhar os fatores sociais e econômicos dentro do ensino pode acarretar a repetência ou reprovação, ou até mesmo a evasão escolar, o que pode implicar em consequências desfavoráveis na aprendizagem da criança e na construção da sua cidadania.

Quando há insuficiência nas condições básicas de estruturação familiar e econômica, os alunos tendem a se distanciar da vida escolar para ajudar no sustento familiar. Por isso, a importância dos fatores sociais e econômicos no processo educacional, já que através do diagnóstico escolar, podem ser verificadas situações de trabalho infantil, problema social grave, pois tira da criança o direito à educação e ao seu desenvolvimento enquanto cidadão.

Quanto ao diagnóstico de distúrbios comportamentais em relação aos problemas socioeconômicos, Leite (2012, p. 80), considera três objetivos a serem atingidos:

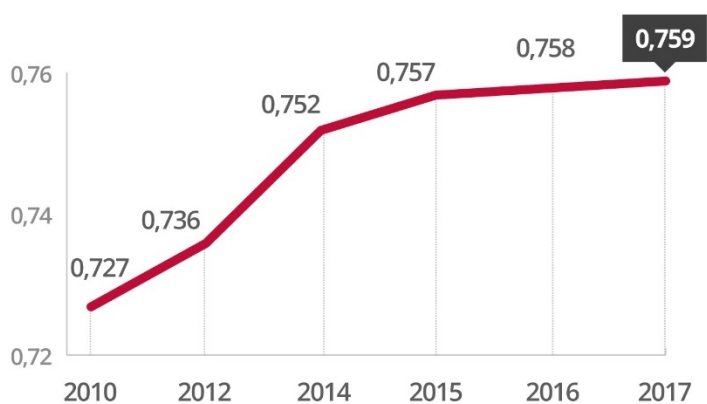
- Conhecer o desenvolvimento normal da criança, as características peculiares de cada etapa do seu desenvolvimento bem como a inter-relação de diversos fatores (idade, sexo, fatores genéticos, contexto familiar e social, condições educacionais e etc.);
- Reconhecer que alguns problemas de comportamentos podem possuir um caráter transitório e que, portanto, não caracteriza uma patologia da personalidade;
- Avaliar até que ponto as alterações de conduta e os desajustamentos a situação escolar interferem ou dificultam a aprendizagem relação da criança com os amigos, professores e familiares.

Estes aspectos a serem identificados, na verdade, além de fatores diagnósticos, exige a necessidade do profissional da educação, como coordenadores, gestores e professores no ajuste de suas atividades e de suas funções para conceber ao processo de ensino essa análise na busca por uma educação de qualidade.

As condições econômicas têm aspectos de causa e efeito sobre a educação e assumem dramático papel da desigualdade social mediante o acesso ao ensino, bem como restrições de acesso ao ensino que trazem consigo mais pobreza e desigualdade social.

Dados consolidados do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) Brasileiro no ranking mundial destaca o Brasil em 73º lugar com nota de 0,699, que atualmente é considerada alta. No entanto, de acordo com o site jornalístico G1, o patamar de desigualdade social nunca esteve tão alto segundo dados do primeiro trimestre de 2019, sendo que, em uma nota de 0 a 1, o Brasil ficou com 0,6 257 no mês de março do ano corrente.

Gráfico 01: IDH - Índice de Desenvolvimento Humano (Primeiro trimestre de 2019)



Fonte: Relatório de Desenvolvimento Humano das Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud)

Este quadro reflete as dificuldades enfrentadas pelos professores e alunos no processo de ensino e de acordo com Franco e Andrade (2007, p. 110) “o espaço público deve buscar o equilíbrio entre o desenvolvimento social e econômico oferecendo as condições para o acesso universal aos bens culturais, tecnológicos e econômicos”, assim como o principal aspecto: o educacional.

A relação da educação e a economia se explica, ainda, quando se trata o ensino como ferramenta de igualdade social oportunizando aos alunos o acesso ao conhecimento e a aprendizagem, tanto que, muitos estudos que tratam da pobreza consideram o grau de escolaridade para explicar a renda salarial.

Durante o processo de ensino e aprendizagem as escolas públicas brasileiras apresentam dificuldades em desenvolver atividades voltadas à realidade concreta em que está inserida, isso reflete em projetos de políticas públicas implementadas, com efeito, mais quantitativo que qualitativo representando, assim, a realidade das escolas brasileiras de forma estatística e generalizada e não revelando as inúmeras realidades que cada região, estado, cidade, bairro e escola particularmente possuem.

Ademais, chega-se a outra problemática a ser comentada nesse estudo: a qualificação do profissional da educação, mediante a metodologia diagnóstica dos problemas identificados durante o processo ensino-aprendizagem.

Isso abrange as políticas públicas em educação aplicadas no país, além de refletir um quadro de desigualdades constantes na realidade cotidiana da

sociedade brasileira, o que permite refletir sobre os parâmetros políticos governamentais implantados, e como isso influencia nas condições do processo de ensino aplicado nas salas de aula.

Por isso, Asbahr (2006, p. 132), acomete que:

As atividades de formação docente, não têm acionado a transformação das práticas pedagógicas dessa tal como o esperado. Essa ineficiência deve-se em grande parte à desconsideração da prática cotidiana. Programas são definidos, cursos são desencadeadas, conferências são proferidas, mas não se questiona para quem são dirigidos, quais as necessidades do que deles participam, em que medida influenciam os professores a quem são destinados e como são traduzidos posteriormente ações concretas nas escolas.

Dessa forma, como mesmo defende o autor, a atividade do professor precisa ser implementada através de metodologias condicionadas à realidade da escola, considerando essas experiências cotidianas não só dos alunos, mas de teorias e projetos que apresentem inovações educacionais para que o profissional possa ter resultados significativos e representar esse resultado voltado ao desenvolvimento e aprimoramento das metodologias.

3.3.2 Fatores Físicos e Mentais

Os fatores físicos e mentais e serem considerados no processo de ensino-aprendizagem são limitações que precisam ser identificadas pois, podem comprometer o desenvolvimento não só dos conhecimentos adquiridos, mas também do desenvolvimento biológico e psicológico do indivíduo.

Quando se refere os fatores físicos compreendem-se as limitações que o aluno pode atender dificultando a sua locomoção, e levando as suas atividades motoras a condições especiais e adaptadas, como estrutura física e acompanhamento contínuo das suas condições de acessibilidade.

Para Papalia e Feldman:

Desenvolvimento psicossocial pode afetar o funcionamento cognitivo e físico. De fato, sem conexões sociais significativas, a saúde física e mental terá problemas. A motivação e autoconfiança são fatores importantes para o sucesso na escola, enquanto a emoções negativas como ansiedade podem prejudicar o desempenho. Pesquisadores chegaram a identificar possíveis ligações entre uma personalidade conscienciosa e a duração da vida. Inversamente, as capacidades físicas e cognitivas podem afetar o desenvolvimento psicossocial, além de contribuir significativamente para a autoestima e poder afetar a situação social e escolha profissional. (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 38)

Nas possibilidades do conhecimento, mostra-se interessante interpretar alguns riscos de atenção para com o aluno quando a recusa de adquirir tal conhecimento, disponibilizado no processo de ensino, se transforma em apatia. Dessa forma, Rubinsten considera que:

A recusa do conhecimento por parte de algumas crianças podem ser a manifestação de não querer entrar em contato com saber. Todo conhecimento (desdobramento do objeto) remédio uma ligação simbólica que regula as suas possibilidades de uso e abuso, a legitimidade saber sobre este objeto, sua interdição ou livre acesso. Quando essas crianças conseguem simbolicamente lidar com isto que originou o sofrimento, passa a mudar sua relação com o conhecimento e inteligência parece estar liberada para operar. (RUBINSTEN, 2006, p. 106)

A observação do indivíduo no processo de aquisição do conhecimento é indispensável para identificar o desprazer propiciado por determinadas situações de experiência. Desdobra-se, assim, a frustração e o ódio emergente pelos questionamentos e pelo pensamento crítico, levando em alguns casos a se fechar na fantasia própria e aprender a seu modo de forma inibida. Nesse bojo a fantasia pode ser o método influenciador da criatividade e do desenvolvimento conceptivo de imaginação.

Porém, assim como Piazza (2014, p. 217) considera, a fantasia leva à "hipersensibilidade ao ambiente, ao inusitado, ao imprevisto, com a diminuição da capacidade de análise crítica, da concentração, da produção intelectual por retraimento e medo no contato com o outro".

Isso é relevante e notadamente incorporado à apatia como diagnóstico retirado de uma convivência coletiva, onde muitos indivíduos consideram-se incapazes de atingir uma notoriedade positiva no meio em que se relacionam.

Por isso, os indivíduos que acarretam diagnóstico de apatia, possivelmente, têm histórico de má convivência e adaptação com os colegas de turma, ou até dificuldades com a metodologia de ensino acometida pelo professor. Isso às vezes, pode ser identificado no surgimento do bullying dentro das escolas como incentivo ao afastamento da coletividade e da relação com os outros por medo de não ser aceito.

Para entender melhor a perspectiva do *bullying* sobre a fuga da realidade do indivíduo dentro da sua vivência escolar, Magnani o considera como:

Ofender, humilhar, espalhar, boatos, fofocar, expor ao ridículo em público, fazer de bode expiatório, acusar, isolar, designar áreas de trabalho ou tarefas ruins, pegar férias e feriados no local de trabalho, dá socos, tapas,

chutes, insultar, sexualizar, fazer ofensas étnicas ou de gênero, enfim, todas as atitudes podem e devem ser consideradas como prática de *Bullying*. [...] pode ser entendido como um conjunto de ações praticados por estudantes, porém, muitos estudos já defendem que o *Bullying* não é praticado somente nas escolas, ou seja, há *Bullying* também em locais de trabalho, em relacionamentos, nas famílias, etc. (MAGNANI, 2012, p. 57)

Portanto, como aspecto à diminuição da autoestima do indivíduo, o *bullying* influencia na dificuldade da aprendizagem, da cognição, da comunicação e das relações sociais necessárias ao ser humano, levando-o ao isolamento, à alienação, ao desequilíbrio e à agressividade, aspectos estes que podem normalmente considerar um quadro depressivo na infância e na juventude.

O crescimento nas taxas de prevalência de depressão é sua interferência no desenvolvimento da criança torna a depressão infantil uma questão de saúde pública. Nos últimos 10 anos houve um aumento expressivo no número de pesquisas sobre a depressão infantil, sobretudo as relacionadas à identificação e à prevalência de sintomas depressivos em crianças. (CRUVINEL; BORUCHOVITCH, 2014, p. 78)

Assim, se considera uma das temáticas mais discutidas e ampliadas na sociedade moderna, o que é definido como uma concepção sólida das frustrações e dificuldades na vivência social, além de considerar a capacidade psicológica e neurológica do indivíduo em superar os desafios inter-afetivos.

Muitos psicólogos, autores, pedagogos ou profissionais da educação, evidenciam como caráter disciplinar periódico da depressão a interferência dialogada por diferentes profissionais a respeito da complexidade do assunto. Isso sendo trabalhado diariamente por vários setores, como uma construção político social de justiça, educação, saúde, como formas emergentes de solucionar uma problemática cada dia mais usual.

Apesar da importância do tema de prevenção da depressão, pouco se encontra em estudos discussões sobre a temática com elaboração de estratégias metodológicas de ensino ou diretrizes que fundamentem a eficácia de tratamentos da depressão em crianças. O que pouco se vê são atitudes particularizadas e isoladas sem dados oficiais e sem estruturas específicas a respeito do assunto, como também políticas públicas de saúde mental ou preservação, articuladas de serviços públicos ou privados, direcionadas aos distúrbios da depressão infantil.

Isso está significativamente relacionado à dificuldade em cuidar das crianças que sofrem desse mal, ou até mesmo durante o processo diagnóstico, haja

vista que se podem considerar inúmeras motivações de acordo com as influências internas e externas das experiências vividas.

3.4 A Família, a Aprendizagem e a Motivação.

A família é a primeira instituição a qual o indivíduo é inserido e por meio dela constrói-se uma cultura comportamental, emocional e social, haja em vista que na família entende-se a responsabilidade primária da educação e da construção das relações entre os membros a qual constitui.

De certo que a família e a escola são as primeiras instituições educacionais do ser humano onde ele inicia sua vida num universo de construção de saberes, e passa a entender o seu papel dentro da comunidade.

Assim, embora a família seja considerada o grupo primário na condução Educacional e na formação da personalidade do homem, sua competência se estende também a entrada e permanência da criança na escola. Portanto, a família deve exercer o papel fundamental, ao lado da escola, na construção de saberes na vida do indivíduo. Por isso, é preciso que entendamos que, associada à escola, a família tem o compromisso de zelar pela instrução dos seus membros participando de forma ativa das atividades e decisões das escolas, pois ambas fazem parte de um mesmo contexto social. (WITT, 2018, p. 4)

Justamente pelo papel duplo entre a família e a escola, estas entidades precisam caminhar juntas para fundamentar, de forma positiva, o processo de ensino-aprendizagem e, ainda, respeitar as atividades desenvolvidas por cada uma de maneira que nenhuma interfira de forma abusiva na tomada de decisões da outra, pois o estímulo ao compromisso como principal objetivo é levar ao aluno o conhecimento adequado na construção educacional e autoafirmação do indivíduo a partir do ensino, respeitando sempre os seus direitos e deveres no contexto em que se insere.

Witt (2018) defende que a construção familiar interfere na estrutura educacional e comportamental dos indivíduos, o que significa dizer que a responsabilidade da família é orientar gerações, capacitando o homem a se relacionar em sociedade e construir noções de ética e moral de acordo com os padrões pré-estabelecidos.

Já a escola é construída a partir da responsabilidade de atribuir à formação familiar os conhecimentos científicos elaborados e metodologicamente pensados para capacitá-lo nos mais diferentes contextos educacionais, usando a

língua como dinâmica na formação profissional e de ensino-aprendizagem em trocas de experiências baseadas na realidade do aluno.

Assim, sobre o papel da família no desenvolvimento infantil, Soifer apud Baltazar et al (2006, p. 31), considera que:

Família pode ser definida, como estrutura social básica, com entre jogo diferenciado de papéis integrada por pessoas que convivem prolongado, em uma interação recíproca com a cultura e a sociedade, dentro da qual se vai desenvolvendo a cultura humana, premiada pela necessidade de limitar a situação narcísica e transformar-se em um adulto capaz, a DEFESA DA VIDA é seu objetivo primordial.

Ainda precisa-se entender que a contribuição da família dentro da escola pode formar e ampliar os conhecimentos de forma significativa, haja vista que esse processo de ensino-aprendizagem torna-se equilibrado com o incentivo dos pais e o êxito das atividades pedagógicas desenvolvidas pela escola. Isso configura dizer que a aprendizagem desenvolve no indivíduo o respeito, a solidariedade, o amor, enquanto elementos básicos para o equilíbrio, tanto psicológicos quanto biológico.

A estrutura familiar ainda pode ser fundamentada e entendida por inúmeros posicionamentos, ou seja, a família é considerada pela afetividade e o acompanhamento das atividades da criança no dia a dia, o que pode ser definido não só com os pais, mas ainda com avós, tios, primos e irmãos. Portanto, a estrutura familiar não se define por codinomes e sim com relações cotidianas, influenciando interna e externamente os aspectos comportamentais.

A atividade educacional está caracterizadamente intermediada pela questão da Psicologia pedagógica, e isso significa dizer que para qualquer estudo de influência de ensino-aprendizagem sobre o indivíduo serão desenvolvidos aspectos de forma psicológica, para o entendimento das metodologias institucionais, pelas particularidades e semelhanças do aluno com o meio em que vive.

Assim, mediante a teoria do condicionamento Baum (2018) salienta que:

Primeiro, grande parte do comportamento se origina da herança genética derivada da história de evolução da espécie (filogênese). A seleção natural fornece os reflexos e padrões fixos de ação, a capacidade de condicionamento respondente, a capacidade de comportamento operante, os reforçadores e punidores cuja eficácia muda com o tempo e o contexto e as tendências que favorecem determinados tipos de condicionamento respondente e operante. (BAUM, 2018, p. 16)

Para Baum a teoria do condicionamento está atrelada significativamente ao sistema de mecanismo de estímulo e resposta. Onde há a compreensão do

sistema nervoso de forma individual, assim, propõe a teoria do Behaviorismo ou Comportamentalismo. O procedimento da teoria do condicionamento na aprendizagem é metodologicamente utilizado através do sistema instrumental onde o estímulo é a base psicológica o que influencia o indivíduo para o resultado final, definindo assim, um sistema de recompensa com aspecto positivo ou de punição como aspecto negativo.

Já ao que tange a Teoria Cognitivista, a aprendizagem é construída a partir do processo cognitivo que explica a origem comportamental do indivíduo, como assim considera Fábio Alves (2005) ao afirmar que:

No centro das teorias cognitivas merecem uma especial atenção do construtivismo. O construtivismo é uma postura psicológica e filosófica que argumenta que os indivíduos constroem grande parte do que aprendem e compreendem. Os enfoques construtivistas (que tem sua base na teoria cognitiva desempenho de Piaget, a aprendizagem significativa de Ausubel e a teoria sociocultural de Vygotsky), possuem muitas formas; podemos adotar como definição geral a concepção de que a aprendizagem ocorre em um contexto, e o estudante forma ou constrói uma boa parte daquilo que aprende e compreende em função de suas experiências. (ALVES ET. AL., 2005, p. 31 e 32)

A teoria construtivista traduz a influência significativa da sociedade a partir da construção de conhecimento e da psicológica do indivíduo. Dessa forma, a Teoria Construtivista de Piaget, assim como de muitos outros psicólogos e filósofos, perante a construção humana é entendida pela maturidade do desenvolvimento do indivíduo durante a sua vida e a convivência com o meio e com outras pessoas.

Por isso, para Piaget:

[...] tal evolução passa por diferenças de qualidade de trocas intelectuais, podendo indivíduo mais evoluído usufruir plenamente tanto da sua autonomia quanto dos Apóstolos e dos outros. Assim longe de significar isolamento e impermeabilidade as ideias presentes na cultura, autonomia significa ser capaz de se situar consciente e competentemente na rede dos diversos pontos de vista e conflitos presentes numa sociedade. (LA TAILLE, 1992, p.)

A Teoria de Piaget perpassa pelo desenvolvimento biológico com definição de etapas da vida e do conhecimento, onde o seu primeiro período refere-se quando o indivíduo tenta adquirir o controle motor das suas atividades conhecendo reconhecendo objetos e o ambiente que o rodeia. Quando o bebê utiliza informações sensoriais para adquirir habilidades físicas e mentais a partir do meio em que vive chama-se esse período de Estágio Sensório Motor.

Já a partir dos dois anos de idade, o indivíduo passa a captar conhecimentos através de atitudes muito mais ativas e relevantes sendo a utilização dos signos uma forma de desenvolver ainda mais a inteligência prática, através da concepção das capacidades motoras. Assim, entende-se que:

Para construção de suas ideias, Piaget utilizou um modelo biológico: o ser humano é guiado pela busca de equilíbrio entre as necessidades biológicas fundamentais de sobrevivência e as agressões ou restrições colocadas pelo meio para a satisfação dessas necessidades. Nessa relação, a organização - como capacidade de indivíduos de condutas seletivas - é um mecanismo que permite o ser humano ter condutas eficientes para atender as necessidades, isto é, uma demanda de adaptação. (BOCK, 2008, p. 139)

A adaptação, por isso, é considerada aquele processo de transformação dos elementos assimilados como feedback das influências do conhecimento estruturado, ou seja, possibilita acomodação ou o incentivo constituído a partir de um determinado processo evolutivo e de elementos associativos.

Além de Piaget, Vygotsky também contribuiu significativamente com sua teoria em relação a psicologia da aprendizagem. Vygotsky trabalha com a noção de que o cérebro é desenvolvido através da sua funcionalidade, com as ações continuamente ativas ao longo da vida do indivíduo e é moldado através do seu desenvolvimento individual. Por isso ele afirma que esse desenvolvimento cultural histórico possa haver sem nenhuma mudança significativa no órgão físico.

As concepções de Vygotsky sobre o funcionamento do cérebro humano fundamentam-se em sua ideia de que as funções psicológicas superiores são construídas ao longo da história social do homem. Na sua relação com o mundo mediante pelos instrumentos e símbolos desenvolvidos culturalmente, o ser humano cria as formas de ação que o distinguem dos outros animais. Sendo assim, a compreensão do desenvolvimento psicológico não pode ser buscada em propriedades naturais do sistema nervoso. (LA TAILLE, 1992, p.)

Nesse sentido, em seus estudos, Vygotsky entende o ser humano como ser basicamente social e as suas concepções de conhecimento são constituídas através das relações que o homem tem com o meio em que vive. Por isso, o processo histórico tem fundamental importância na estrutura do conhecimento e desenvolvimento do indivíduo construindo assim, o psicológico do homem através daquilo que assimila durante a sua vida.

Ainda como construção significativa acerca do desenvolvimento humano e a construção do conhecimento têm a teoria de Henri Wallon, como contribuição

significativa para a pedagogia nos processos educacionais que associam a afetividade e a emoção ao desenvolvimento da criança.

É uma teoria que facilita compreender o indivíduo em sua totalidade, que indica as relações que dão origem a essa totalidade, mostrando uma visão integrada da pessoa do aluno. Ver o aluno perspectiva põe o processo ensino-aprendizagem outro patamar porque dá ao conteúdo desse processo - que é a ferramenta do professor - outro significado, expondo sua relevância para o desenvolvimento concomitante do cognitivo, do motor e do afetivo. (ALMEIDA; MAHONEY, 2006, p. 10)

Ele ainda entende que por determinada razão o conhecimento incorporado pelos professores leva ao indivíduo decisões e considerações relativas às informações incorporadas. Isso quer dizer que a construção da escola passa a ser pensada com muito mais justiça e solidariedade na construção de uma sociedade democrática e justa em relação às considerações psicológicas, filosóficas e comportamentais na aquisição do conhecimento.

3.5 A Importância da Formação Continuada do professor

A formação continuada pode ser entendida como um processo de ajustamento e desenvolvimento das habilidades docentes, ainda, propondo aos professores dimensionar suas capacidades e habilidades no processo de ensino-aprendizagem a partir daquilo que já tem como experiência e das nuances corretivas na sua atividade profissional. Visando essa intenção de aprimoramento, entende-se que a formação continuada é responsável, conseqüentemente, pela eficiência das atividades curriculares e como é implementada dentro da sala de aula.

Portanto, a formação continuada apresenta-se como um espaço qualificado de aperfeiçoamento dos professores, nas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais. Diante de tal impasse, faz cada vez mais necessário a criação de novas alternativas em termos de programas que tem o poder de trazer o contínuo aperfeiçoamento dos profissionais, que são responsáveis pela formação de nossos futuros cidadãos. (NOFFS; SANTANA, 2016, p. 35)

Importa dizer o quanto é importante a responsabilidade das instituições em disponibilizar aos professores, apoio substancial nas evoluções, e no aperfeiçoamento profissional o que, necessariamente, influenciará no alcance da aprendizagem e na eficiência dos processos educacionais, além de construir menções didáticas e metodologias cada vez mais firmadas no compromisso educacional a partir da formação de cidadãos mais conscientes do seu papel social.

Ainda a respeito dessa temática, vale ressaltar que:

É preciso considerar que as diferentes ações de formação de professores envolvem a aprendizagem com vários campos, pois buscam conhecimentos relacionados à Ciências da Natureza, como também aqueles constitutivos da didática das ciências. Se o objetivo de um curso para professores é alcançar a aprendizagem, também aqui deve haver oportunidades para o envolvimento com questões/problemas e com processo de construção de conhecimentos anteriores. (CARVALHO, 2003, p. 64)

A formação continuada justifica-se também pela constante transformação social que os indivíduos sofrem e isso é bem notável quando se refere ao desenvolvimento das tecnologias e conseqüentemente do comportamento das pessoas no seu cotidiano. Evoluções como essas devem ser levadas em consideração no processo de ensino-aprendizagem, já que carregam consigo uma raiz diagnóstica e conseqüentemente uma construção cultural.

Como foi mencionada nas teorias de psicologia da aprendizagem a construção do conhecimento é fomentada através de processos contínuos e múltiplos, às vezes, concomitantes a diversos estímulos internos e externos ao indivíduo. Essas motivações precisam ser entendidas pelo professor para acompanhar as expectativas representadas em modelos de aulas que alcancem a aprendizagem efetiva, a construção do indivíduo, dos seus conhecimentos, do seu potencial através do comportamento individual.

Isso corresponde ainda, a importância da preparação do profissional para realização de suas atividades, haja vista que qualquer atitude ou procedimento aplicado aos seus alunos podem ser marcantes de acordo com a opinião produzida durante o processo. O professor, nessa vertente, identifica-se na personalidade intermediadora do conhecimento, ao qual representa a maior ferramenta educacional, pois através dele podem-se mudar práticas pedagógicas, programar novos modelos, substituir programas/métodos de ensino e formas de avaliação costumeiras, ainda reconhecendo limites de deficiências no próprio trabalho.

4 METODOLOGIA

Com o intuito de intermediar a educação e o processo de ensino-aprendizagem enquanto métodos de otimização reflexiva acerca dos recursos da autoestima utilizou-se nesse estudo o método de revisão bibliográfica através de fontes utilizadas em livros e artigos, explorando assim a temática de forma qualitativa e descritiva. Quando à pesquisa qualitativa Gerhardt e Silveira (2009) descrevem que:

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis. [...] a descritiva é a parte das anotações onde deve haver preocupação em captar as características das pessoas, ações e conversas observadas de acordo com o local de estudo. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32 e 77)

Dentre as fontes utilizadas, foram contextualizadas e pesquisadas por revisão literária, publicações, em sua grande parte, dos últimos 10 anos. Foi realizada, ainda, pesquisa de campo implementada através de questionários dedutivos a respeito dos métodos estratégicos do ensino-aprendizagem nas escolas tanto públicas quanto privadas, proporcionando assim, a melhor compreensão entre a família, a sociedade e a autoestima durante o processo de ensino-aprendizagem na escola.

Desenvolveu-se também, por meio de fontes aplicadas, definições e conceitos, considerações e apontamentos de diferentes vertentes quanto a educação e a intervenção da autoestima no processo de ensino-aprendizagem, discutindo a dimensão política, social, cultural e econômica da intervenção do educador e do âmbito escolar nesse processo.

O levantamento diagnóstico de dados considerou os aspectos da autoestima como produto do ensino-aprendizagem, desenvolvidos em duas escolas, sendo, uma pública a Escola Rubem Goulart Anexo I e II (R.G.A.I.) e outra particular a Escola Educandário do Sol (E.D.S.), ambas localizadas na cidade de São Luís-Maranhão.

Dessas instituições, foram levantados dados através de um questionário/entrevista com três profissionais da educação para cada ano inicial do fundamental do 1º a 4º ano, sendo 9 (nove) professores entrevistados na sede da R.G.A.I e 8 (oito) na sede da E.D.S., totalizando 17 entrevistados.

Essa sistematização firmou-se em identificar as duas realidades educacionais, compreendendo melhor como são implementadas as ferramentas de motivação interescolar e qual a importância da autoestima para os profissionais do magistério que, cotidianamente, trabalham com crianças no processo de ensino-aprendizagem buscando o desenvolvimento do aluno.

Ainda compreendendo o paralelo das questões de experiência profissional pelos anos lecionados de cada docente, além do reconhecimento da baixa autoestima pelos próprios professores e pelos seus alunos compreendeu-se que a formação continuada para o professor é de suma importância e como pode influenciar diretamente na autoestima e na motivação dos professores e dos alunos dentro e fora da sala de aula.

Portanto, através de questionários dedutivos a respeito dos métodos estratégicos do ensino-aprendizagem nas escolas pesquisadas, proporcionou uma melhor compreensão entre a família, a sociedade e a autoestima durante a aquisição de conhecimento no âmbito escolar.

5 ASPECTOS DIAGNÓSTICOS E COMPARATIVOS DAS ESCOLAS PESQUISADAS

5.1 R.G.A.I. e E.D.S.

Na escola R.G.A.I. (Pública) foram desenvolvidos levantamentos com 9 profissionais da educação, sendo 3 (três) do 1º ano, 2 (dois) do 2º ano, 2 (dois) do 3º ano e 2 (dois) do 4º ano. Na escola E.D.S. (Particular), enquanto instituição da rede privada de ensino, foram desenvolvidos levantamentos com 8 profissionais da educação, sendo 3 (três) do 1º ano, 2 (dois) do 2º ano, 2 (dois) do 3º ano e 1 (um) do 4º ano.

Gráfico 02: Experiência nas Séries Iniciais (R.G.A.I.)



Fonte: Elaborado pela Autora (2019)

A partir desses dados, considera-se que 87,57% dos profissionais entrevistados lecionam há mais de 10 anos e 12,50% entre 2 a 5 anos, portanto, grande parte dos docentes, nessa instituição, possuem uma experiência significativa no processo de ensino-aprendizagem no âmbito educacional.

Gráfico 03: Experiência nas Séries Iniciais (E.D.S.)



Fonte: Elaborado pela Autora (2019)

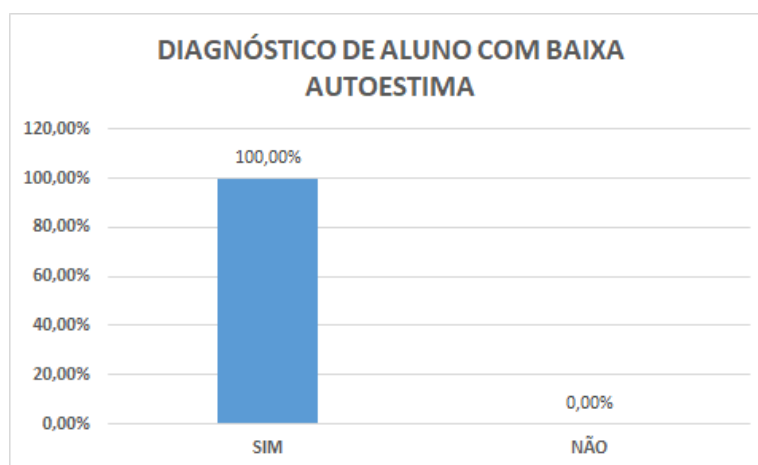
No levantamento dos dados, identificou-se que pela experiência profissional nos anos iniciais, 75% dos professores entrevistados na escola particular possuem 5 a 10 anos de experiência em lecionar, sendo que 12,50% mais de 10 anos e 12,50% de 2 a 5 anos.

A experiência do professor no processo de aprendizagem do seu aluno é muito importante, pois determina sua influência dentro e fora da sala de aula, bem como afirma Veiga (1989):

Professor encarado como o educador que direciona e conduz o processo de ensino, domina o conteúdo, contribuindo para que o aluno supere o universo do senso comum. O professor, longe de ser caracterizado como um modelo exemplar, distanciado do aluno e mero executor do processo de ensino, é visto como aquele que tem uma experiência maior que a do educando, uma maturidade diferente. (VEIGA, 1989, p. 86)

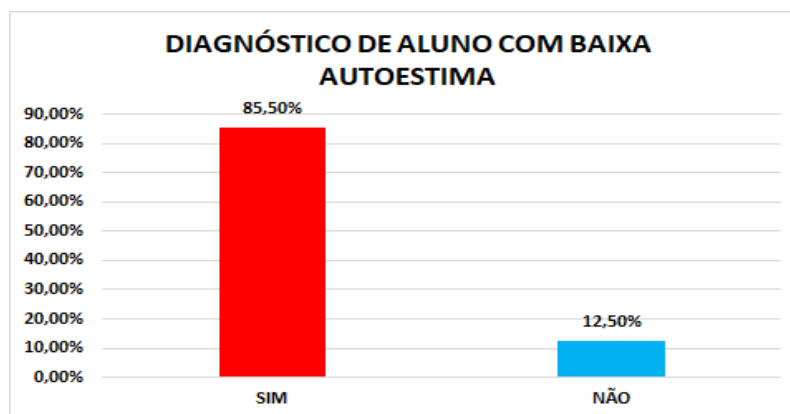
Refletindo as considerações de Veiga, o professor necessita perpassar essa experiência como fator de motivação e confiança na sua relação com seu aluno, pois é nele que o indivíduo, em formação, se firmará durante o processo de ensino e aprendizagem.

Gráfico 04: Diagnóstico de aluno com Baixa Autoestima (R.G.A.I.)



Fonte: Elaborado pela Autora (2019)

Quanto ao diagnóstico da baixa autoestima dos alunos, 100% dos profissionais da escola pública reconhecem que esse diagnóstico é visível e permanente no cotidiano do processo de ensino-aprendizagem.

Gráfico 05: Diagnóstico de aluno com Baixa Autoestima (E.D.S.)

Fonte: Elaborado pela Autora (2019)

Pelo reconhecimento deste diagnóstico de alunos com baixa autoestima, 85,50% dos professores entrevistados da escola particular assumem que reconhecem com facilidade casos de tal natureza, sendo que 12,50% não conseguem diagnosticar tal problemática. Assim, para os profissionais entrevistados da escola pública foi mencionada a interferência da autoestima na aprendizagem da seguinte forma: "Se a criança está com baixa autoestima sente-se apática e desmotivada, conseqüentemente sua aprendizagem não será satisfatória. Dessa maneira como bem acentuaram os professores da instituição privada acerca do assunto: "Estimular a autoestima nos alunos é uma forma de acentuar as habilidades dos alunos e conseqüentemente no aprendizado".

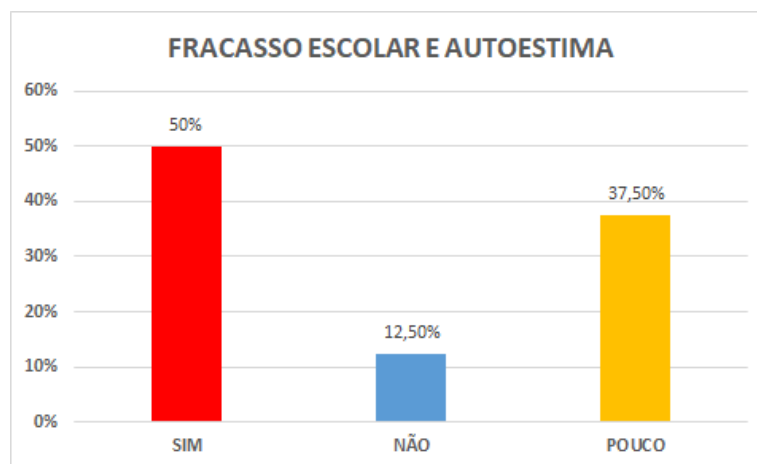
Vale salientar que o diagnóstico de autoestima é aplicado pelo professor nas atividades do dia-a-dia, porém esse resultado é de avaliação da criança sobre ela mesma, já que se trata de crianças em período escolar capazes de entender suas próprias habilidades. Assim consideram Boyd e Bee:

Os juízos avaliativos de uma criança possuem diversas características interessantes. Em primeiro lugar, durante os anos do ensino fundamental e médio, as avaliações das crianças de suas próprias habilidades se tornam cada vez mais diferenciadas, com juízos bem distintos sobre suas habilidades acadêmicas ou atléticas, aparência física, situação social, amizade, atração amorosa e relacionamento com os pais. [...] é uma avaliação global de nosso próprio valor que geralmente é referida como autoestima, não apenas a soma de todas as avaliações separadas que uma criança faz sobre suas habilidades em diferentes áreas. (BEE, BOYD, 2011, p. 371)

A importância em identificar a baixa autoestima durante a autoavaliação da criança está em um passo que vai além do ensino e aprendizagem, que influencia no desenvolvimento da mesma, também em casos clínicos, pois, podem

identificar um problema mais significativo como a depressão, a apatia, problemas psicossociais, dentre tantos outros presentes na realidade moderna. Portanto, levá-la a entender a importância do autoconhecimento é imprescindível para seu crescimento.

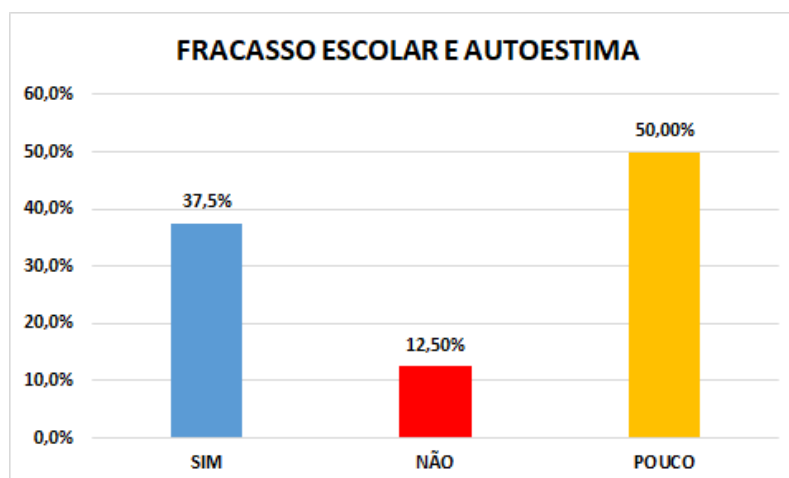
Gráfico 06: Fracasso Escolar e Autoestima (R.G.A.I.)



Fonte: Elaborado pela Autora (2019)

Em referência ao fracasso escolar e a sua relação com a autoestima, os profissionais consideram em 50% que, de fato, a autoestima influencia, significativamente, no sucesso ou no fracasso do processo de ensino-aprendizagem na escola pública. Assim como 37,50% consideram a influência em um patamar de pouca interferência e 12,50% não consideram que a autoestima tenha qualquer relação com o sucesso do ensino-aprendizagem dentro da escola.

Gráfico 07: Fracasso Escolar e Autoestima (E.D.S.)



Fonte: Elaborado pela Autora (2019)

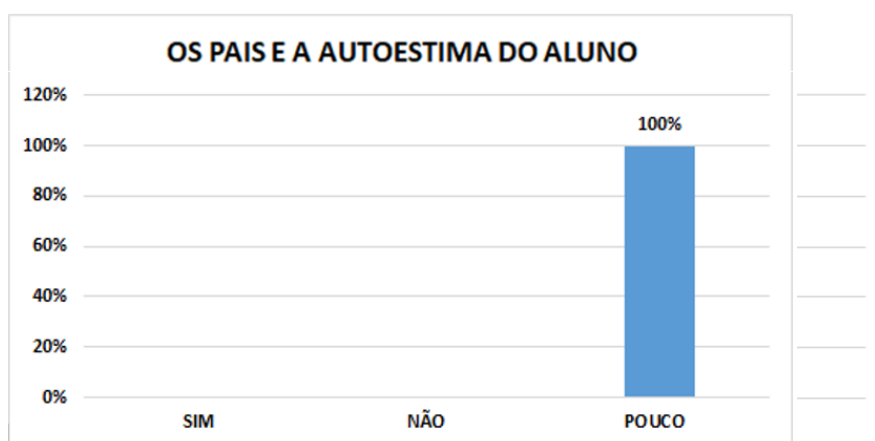
Já acerca do fracasso escolar mediante a baixa-autoestima, 50% dos profissionais entrevistados, na escola particular, consideram que a influência é de

pouca relevância, já 37,5% consideram que é importante compreender a autoestima no ensino-aprendizagem.

Como se demonstrou em capítulos anteriores, a autoestima é vista como resultado da aprendizagem, haja vista que na realidade escolar, o sucesso da aprendizagem está diretamente associado a notas boas, passar de ano, e obter resultados que demonstrem o efeito do esforço. Quando o resultado não é o esperado muitos alunos constroem a baixa autoestima através de sentimentos como defende Assis (2004, p. 133) “vários sentimentos estão vinculados a essa angústia: nervosismo, ansiedade, medo, insegurança, dor, depressão, além de comportamentos como falta de assiduidade, ficar com 'trauma sem querer sair de casa' e doenças emocionais” .

A baixa autoestima combinada a essas consequências dificulta, sem dúvida, novos processos de ensino e aprendizagem, já que o conhecimento é contínuo. A baixa autoestima transmite o não reconhecimento das habilidades e competências que a criança precisaria identificar em si mesma, fazendo com que esse ciclo se torne cumulativo, construindo na criança uma autoavaliação sempre negativa sobre suas conquistas e/ou insucessos.

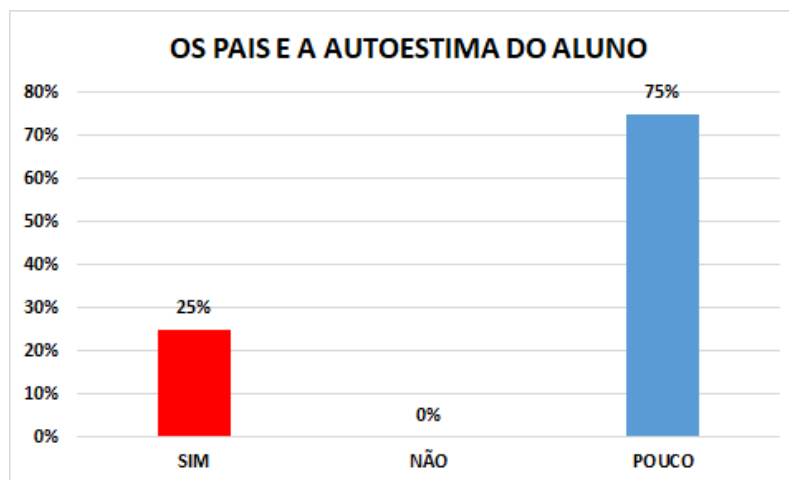
Gráfico 08: Efetividade da Autoestima pela Aprendizagem (R.G.A.I.) – Percepção dos pais



Fonte: Elaborado pela Autora (2019)

Quanto ao reconhecimento dos pais sobre o desenvolvimento intelectual do aluno em relação a autoestima, os professores da escola pública, em 100% consideram que os pais pouco dão essa importância e essa influência sobre os seus filhos.

Gráfico 09: Efetividade da Autoestima pela Aprendizagem (E.D.S.) – Percepção dos pais



Fonte: Elaborado pela Autora (2019)

Perante a importância da autoestima para o desenvolvimento cognitivo e intelectual do aluno pelos pais, 75% dos professores entrevistados, na escola particular, consideram que poucos pais reconhecem essa importância, 25% acreditam que os pais reconhecem a relevância da autoestima no desempenho do ensino-aprendizagem. Dessa forma nas entrevistas efetuadas, destacou-se que a influência da família na escola interfere na formação da criança, bem como os profissionais destacam: "A família e a escola devem conviver em parceria neste processo de formação dos alunos, para que o mesmo se torne um cidadão crítico."

E ainda mencionado pelos profissionais da (E.D.S.): "A família é o seio da efetividade, o primeiro ambiente gerador de laços afetivos. E a escola por sua vez daria continuidade a essas relações."

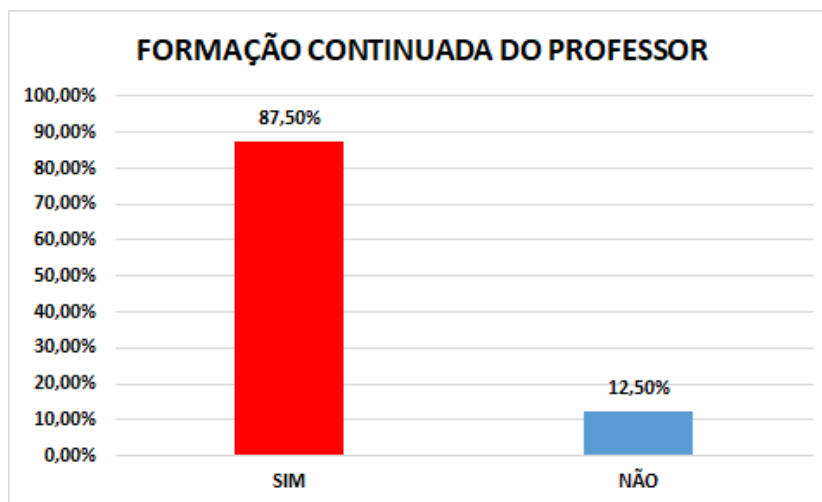
A influência dos pais no processo de ensino e aprendizagem da criança é indispensável, assim como afirma Martins (2013):

Os assuntos de escola devem ser tratados entre pais e filhos com calma e ternamente, salientando o que corre bem e falando dos problemas, quando existem, de forma a que a criança sinta que vai ter a vossa ajuda, e que vai ser capaz de ultrapassar dificuldades. (MARTINS, 2013, p. 17)

A escola e a família são instituições que precisam caminhar juntas e por isso precisam ser parceiras e entender seus papéis mediante a formação da criança. Isso interfere diretamente na vida do indivíduo, na sua construção pessoal e social.

Em relação a influência do ensino na autoestima, os profissionais entrevistados, em unanimidade, consideraram de relevante importância produzir estímulos motivacionais para a formação da autoestima do aluno.

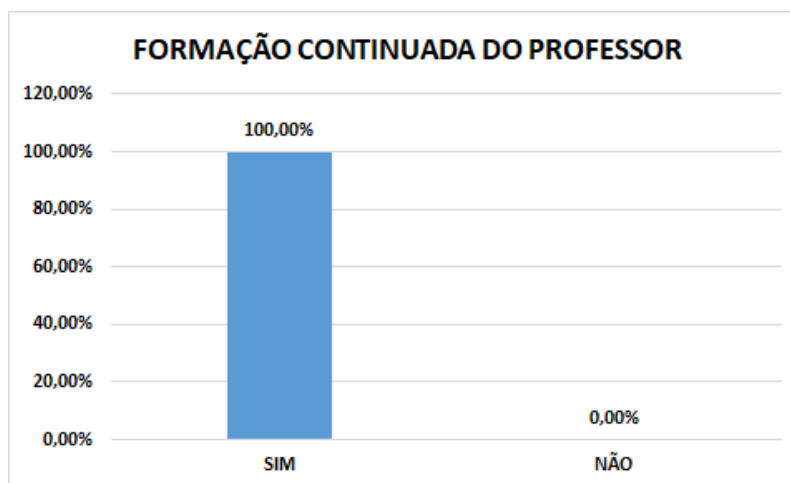
Gráfico 10: Formação Continuada do Professor (R.G.A.I.)



Fonte: Elaborado pela Autora (2019)

Entende-se, com os dados apontados, que 87,50% dos professores entrevistados possuem, na rede pública educacional, formação continuada que intensifica suas capacidades profissionais mediante o ensino-aprendizagem.

Gráfico 11: Formação Continuada do Professor (E.D.S.)



Fonte: Elaborado pela Autora (2019)

Em unanimidade os entrevistados, da rede privada de ensino, acreditam na autoestima como aspecto fortalecedor na busca do conhecimento, já que, a autoestima se consolida como resultado do ensino-aprendizagem. Além de

considerarem, também, a formação continuada e a capacitação profissional para melhor aplicabilidade no cotidiano adequando as metodologias de ensino.

Por isso, os professores acentuam algumas tomadas de decisões no dia-a-dia escolar para alavancar a autoestima.

"O reforço positivo é bem interessante como medida de elevar a autoestima. É uma forma de diminuir a baixa autoestima e a depreciação da criança."

"Eliminando as críticas que produzem tristezas, evitando o menosprezo, a ironia, críticas vazias, negativismo a mesmice, mudar a forma de falar e agir com esses alunos."

Para os profissionais da rede particular, outras medidas também poderiam ser acrescentadas.

"Devemos acionar os profissionais da escola para fazer levantamento e atividades relacionadas a essa problemática e ficar atenta para prevenir qualquer situação que estimule a baixa autoestima."

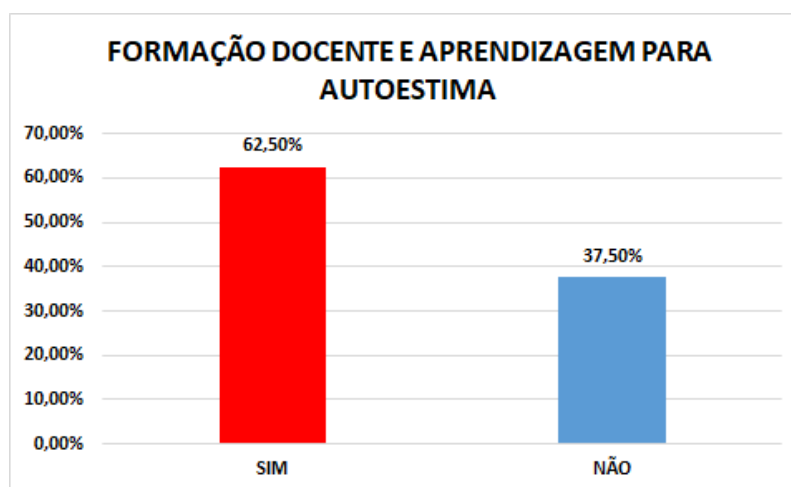
"Conversas, envolver sempre o aluno no processo de aprendizagem e falar da sua capacidade, e que ele consegue sempre, basta querer."

Mediante a relevância da formação continuada para o professor, o MEC (1999) mencionado por Lima (2018), acrescenta que:

Não se trata de responsabilizar pessoalmente os professores pela insuficiência das aprendizagens dos alunos, mas de considerar que muitas evidências vêm revelando que a formação de que dispõe não tem sido suficiente para garantir o desenvolvimento das capacidades imprescindíveis para que crianças e jovens não só consigam sucesso escolar, mas, principalmente, capacidade pessoal que lhes permita plena capacitação social no mundo cada vez mais exigente sobre todos os aspectos. Além de uma formação inicial consciente, é preciso proporcionar aos professores oportunidades de formação continuada: promover seu desenvolvimento profissional é também intervir em suas reais condições de trabalho. (MEC apud LIMA, 2018, p. 37)

A formação continuada para o professor é indispensável no processo de ensino e aprendizagem, pois amplia as possibilidades de resultados cada vez mais satisfatórios, promovendo uma construção teórica aplicável à realidade do indivíduo, através de iniciativas governamentais, principalmente no que se refere às políticas públicas educacionais.

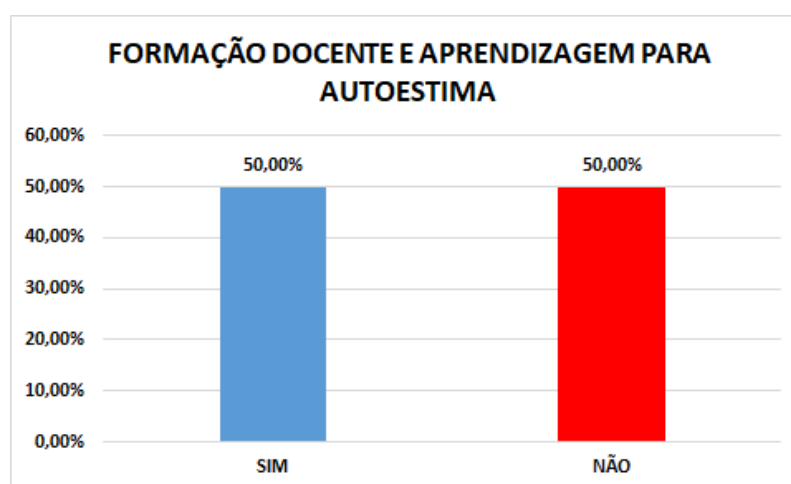
Gráfico 12: Formação Docente e Aprendizagem para a Autoestima (R.G.A.I.)



Fonte: Elaborado pela Autora (2019)

Em referência ao desenvolvimento da formação do profissional em educação, 62,50% dos professores entrevistados da rede pública de ensino, afirmam que no seu processo de formação foi levantada a temática da autoestima como resultado da aquisição do conhecimento, enquanto 37,50% consideram que não tiveram essa discussão ou influência significativa durante sua formação profissional.

Gráfico 13: Formação Docente e Aprendizagem para a Autoestima (E.D.S.)



Fonte: Elaborado pela Autora (2019)

Dos dados apreendidos constatamos que 50% dos professores entrevistados, da rede privada de ensino, afirmam que sua formação docente levou em consideração a temática de autoestima e motivação abordada no processo de

aprendizagem, ao qual relacionado à qualificação profissional identificam o pensamento crítico e autoconfiança do indivíduo em formação.

Mediante a importância da formação inicial do professor, é necessário pensar na temática da autoestima como aspecto de construção de valores. Assim como defende Sousa (2005) ao afirmar que:

Isso quer dizer que tenha de se investir no ensino superior, sobretudo nos cursos de formação de professores, a começar pela busca de compreensão de seus próprios valores e de identificação de seus projetos de futuro: seus ideais ou dos alunos? Seus desejos ou os dos alunos? Ambos, via articulação dos desejos e ideais, para transformá-los em projetos coletivos, que permitam exercício de uma vida digna. (SOUSA, 2005, p. 222)

Por isso, o professor como importante mediador do processo de ensino e aprendizagem precisa intensificar seus conhecimentos em formação continuada em prol da própria valorização, bem como da formação dos seus alunos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de pesquisa do presente trabalho, entendeu-se a autoestima como uma avaliação interpessoal da negatividade e/ou positividade dos comportamentos expressados pela autoconfiança, autoimagem, autoaceitação, aspectos comportamentais e motivos psicológicos desenvolvidos através das crenças, culturas e emoções. Considerou-se a importância da aprendizagem na construção da autoestima, das coletas de dados realizadas em duas escolas sendo uma municipal e a outra instituição particular, onde se percebeu que quando a criança não consegue aprender ela não consegue ter uma autoestima alta.

Tal temática incentiva o paradigma idealizado de uma construção cultural do próprio intelecto, a partir de um determinado comportamento e atitudes estabelecidas como habilidades importantes e singulares na vida cotidiana. Por isso, identificou-se dentro do patamar da autoestima, como a aprendizagem pode ser desenvolvida pelo sujeito de forma a influenciar a sua criatividade, seus conhecimentos empíricos, sustentando suas realizações de sucesso como aspectos motivacionais.

Ainda se considerou durante a avaliação das escolas pesquisadas os aspectos concomitantes da aprendizagem do aluno e a construção metodológica do profissional da educação para submeter procedimentos que propiciem mensagens verbais e não verbais acerca de incentivo da vida psicossocial, da motivação, da criatividade e da ludicidade. Por isso, identificou-se neste estudo a motivação como uma vertente da aprendizagem, as emoções, a autossatisfação, tanto do profissional quanto do aluno, a partir da sua personalidade e dos seus esforços condicionados ao sistema de recompensa e satisfação pessoal.

Portanto, sistematizou-se durante esse processo a relevância para a formação continuada do professor, assim como, para todos os profissionais envolvidos na efetividade da educação, aperfeiçoamento e melhores técnicas e estratégias de comunicação entre os indivíduos na construção do conhecimento. Além disso, identificou-se a relevância do contexto familiar como fator para estruturação da personalidade do aluno, levando-o a compreender melhor seu espaço social e o seu objetivo motivador ao longo da sua história, aprimorando a sua capacidade de reflexão e criticidade no seu nível cognitivo.

A importância da preparação do educador deve ser contínua, haja vista que produz ainda uma personalidade intermediadora de ferramenta educacional,

colocando novos modelos para substituir inconformidades durante o processo de ensino-aprendizagem e construção ideológica, e ainda podendo, com eficiência, reconhecer dificuldades de aprendizagem e limitações nas atribuições de suas funções.

Por isso, identificaram-se problemáticas durante o desenvolvimento do ensino-aprendizagem como questões de fatores econômicos e sociais pela avaliação da realidade da criança e como poderá desenvolver distúrbios comportamentais mediante suas limitações econômicas e conseqüentemente de subsistência.

Ainda se entendeu a realidade do sistema educacional e das escolas brasileiras atuais, entendendo a plenitude das políticas públicas, e o quanto isso pode ser significativo tanto por aspectos quantitativos quanto qualitativos. Sendo que, é necessário entender o aluno e o dilema profissional do professor não só como um aspecto estatístico, mas, com sua particularidade necessária para aplicação de procedimentos eficientes, buscando o apoio tanto na aplicação de projetos de desigualdades sociais quanto educacionais.

Ainda se percebeu os fatores físicos (deficiência física) nos processos de ensino-aprendizagem, limitações identificadas pelos profissionais e que precisam ser relevantes por diversos outros agentes da sociedade na busca do acompanhamento constante das condições de acessibilidade, entendendo ainda, os aspectos psicológicos da criança (apatia, frustração, ódio, fantasia), a partir dos desafios na convivência escolar.

O estudo desenvolvido foi de bastante relevância para entender que a prática pedagógica precisa tomar vertentes ainda mais incentivadoras, daquilo que realmente é condicionado às necessidades da criança dentro da escola, particularizando cada situação e diagnosticando procedimentos que possam dificultar a aprendizagem e a convivência social, melhorando a qualidade de vida dos indivíduos e a sua convivência com o mundo e consigo mesmo.

Desta forma, convém destacar que o papel do professor nesse processo consiste em prestar ajuda, criando estratégias de ensino que envolva a zona de desenvolvimento próximo do educando, exercendo a mediação entre ele e o conteúdo.

Entende-se ainda que as metodologias quando bem aplicadas proporcionam ao professor e aluno uma melhor adaptação ao que foi proposto

enquanto objeto de estudo. Nesse sentido, o professor precisa planificar sistematicamente as atividades de acordo com os objetivos desejados, incluir nas intenções educativas todos os aspectos dos alunos. Assim desenvolvida a pesquisa percebemos como os professores não conhecem sobre a autoestima e ficaram confusos ao responder os questionários e entrevistas, e de como eles muitas vezes não conhecem os seus alunos e não fazem a mediação para que a criança aprenda de forma significativa.

Sabemos que desde o seu nascimento o ser humano vivencia diferentes formas de experiências, dentre estas a aprendizagem e para cada uma ele adequa um comportamento, ou seja, ele é e age conforme a situação apresentada. Dessa forma a autoestima se fortalece a partir dessas experiências que o meio proporciona ao indivíduo e vai se estruturando com os pensamentos que ele constrói sobre si mesmo, tendo uma forte relação com o que ele é e como ele age em determinadas situações.

Percebemos então como a motivação e a aprendizagem estão ligadas para proporcionar à criança a construção da autoestima e de como isso chamou a atenção para realizar essa pesquisa e explicar como isso acontece e como é importante para criança. Assim construiu-se e identificou-se que o objetivo traçado inicialmente foi atendido com êxito, haja vista que a importância da aprendizagem para a construção da autoestima nos anos iniciais delimitadas neste estudo, bem como para todas as fases da vida é de relevante iniciativa e precisa diariamente ser contemplada pela sua influência na construção do conhecimento mediante o processo de ensino e aprendizagem.

Precisamos compreender que a sala de aula deve oferecer um ambiente estimulador, valorizado, enriquecido de ideias e propostas variadas que inquiete o aluno a buscar respostas para suas interrogações, um ambiente que favoreça a busca por novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Vieira; CONSOLO, Douglas Altamiro. **Pesquisas em linguística aplicada: ensino e aprendizagem de língua estrangeira.** - São Paulo: Editora UNESP, 2004. 183 p.
- ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de [ET. AL.]. **Como desenvolver o potencial criador; um guia para a libertação da criatividade em sala de aula.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2018. 88 p.
- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga. Henri Wallon: **Psicologia e Educação.** - São Paulo: Editora Loyola, 2006. 87 p.
- ALVES, Fabio et. Al. **Competência em tradução, cognição e discurso.** - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. 303 p.
- ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira [ET. AL.]. **Políticas públicas em educação e psicologia escolar.** - São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. 243 p.
- ASSIS, Simone Gonçalves. **Labirinto de espelhos: formação de autoestima na infância e na adolescência.** - Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. 208 p.
- BALTAZAR, José Antônio et. Al. **Família e escola: um espaço interativo e de conflitos.** - São Paulo: Arte e Ciência, 2006. 176 p.
- BARRETO, Maribel Oliveira. **Ensaio sobre Criatividade.** - Vol. 1. - Salvador-BA: Sathyarte, 2009. 140 p.
- BAUM, William M. **Compreender o behaviorismo: comportamento, cultura e evolução.** – Tradução: Daniel Bueno. - 3. Ed. - Porto Alegre: Artmed, 2019. 320 p.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia.** - 14. Ed. - São Paulo: Editora Saraiva, 2008. 368 p.
- BOSSA, Nadia A. **Dificuldades de aprendizagem. O que são? Como trata-las? – Dados eletrônicos.** – Porto Alegre: Artmed, 2009. 177 p.
- BOYD, Denise; BEE, Helen. **A criança em crescimento.** - Tradução de Daniel Bueno. - São Paulo: Editora Artmed, 2011. 624 p.
- CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. **Formação Continuada de professores: uma leitura das áreas de conteúdo.** - São Paulo: Thomson, 2003. 153 p.
- CID, Eduardo Fausto Kuster. **O uso de jogos como estratégia motivadora no processo de ensino e aprendizagem da educação profissional.** - Vitória: Cousa, 2017. 143 p.
- CRUVINEL, Miriam; BORUCHOVITCH, Evely. **Compreendendo a Depressão infantil.** - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 104 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 895 p.

FILHO, João Freire. **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. 296 p.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil - UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica - Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p.

GUEDES, Helena. **A Auto Estima**. Florianópolis-SC: Clube dos Autores, 2015. 68 p.

JESUS, Ana Cristina Alves de. **Como aplicar jogos é brincadeiras na educação infantil**. - Rio de Janeiro: Brasport, 2010. 100 p.

LA TAILLE, Yves de. Piaget, Vygotsky, Wallon: **Teorias psicogenéticas em discussão**. - São Paulo: Summus, 1992.

LEITE, Vânia Aparecida Marques. **Dimensões da não aprendizagem**. - ed. Rev. - Curitiba: IESDE Brasil, 2012. 102 p.

LIEURY, Alain. **A Motivação e o aproveitamento escolar**. Tradução de Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. - São Paulo: Editora Loyola, 2000. 142 p.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro. **Sentidos do trabalho: a educação continuada de professores**. - Campinas-Sp: Autêntica, 2018. 240 p.

MAGNANI, Alice Iris Gil Parra. **Intervenção e aprendizagem: adolescência**. - ed. Rev. - Curitiba,PR: IESDE Brasil, 2012. 108 p.

MARTINS, Eva Delgado. **Conversa com Pais**. - Alfragide: Portugal: Editorial Caminho, 2013.

MIRANDA, Simão de. **Professor, não deixe a peteca cair! 63 ideias para aulas criativas**. - São Paulo: Editora Parirus, 2014. 128 p.

MOYSÉS, Lucia. **A Autoestima se constrói passo a passo**. - Rio de Janeiro: Editora Papyrus, 2003. 152 p.

NOFFS, Neide; SANTANA, Terezinha. **Formação Continuada de professores: práticas de ensino e transposição**. - 1. Ed. Curitiba: Appris, 2016. 169 p.

OLIVER, Ramón. **Excesso de autoestima pode ser fatal para suas aspirações no trabalho**. Revista el País: Madri, 31 de outubro de 2015. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/29/economia/1446148333_000536.html, acesso em 18 de abril de 2019.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. - 12. Ed. - São Paulo: AMGH Editora Ltda, 2013. 793 p.

PIAZZA, Theresinha Maria Breyer. **Respectivos Florais de Bach com diferenciais**. - Santa Catarina: Clube dos Autores, 2014. 276 p.

RANGEL, Mary. **Métodos de ensino para a aprendizagem e a dinamização das aulas**. - Campinas-SP: Papirus, 2005. 94 p.

ROZEK, Marlene; DOMINGUES, Cristiane Lumertz Klein. **As dificuldades de aprendizagem e o processo de escolarização**. - Porto Alegre-RS: EDIPUCRS, 2017. 220 p.

RUBINSTEIN, Edith Regina. **O estilo de aprendizagem e a queixa escolar: entre o saber e o conhecer**. - São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 261 p.

SANTOS, Edu. **A verdadeira concepção do engajamento e motivação**. – São Pasulo: Literare Books Internacional, 2018. 243 p.

SANTOS, Sandro. **A autoestima e ter motivação todos os dias - em passos simples**. eBook: SS Trader editor, 2018. 181 p.

SHERRAT, Patrick. **Passando em provas por leigos**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Alta Books editora, 2016. 255 p.

SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. **Escola e construção de Valores: desafios à formação do aluno e do professor**. - São Paulo: Editora Loyola, 2005. 227 p.

TAPIA, Jesús Alonso; FITA, Enrique Caturla. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz**. - São Paulo: Editora Loyola, 2006. 152 p.

WEIBER, Marcelo. **Auto estima**. Florianópolis-SC: Clube dos Autores, 2010. 180 p.

WITT, Hort Albert. **A importância da Família no processo ensino e aprendizagem**. - Florianópolis-SC: Clube dos Autores, 2018. 100 p.

ANEXO

APÊNDICE

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA
CURSO DE PEDAGOGIA

ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES

Prezado respondente, esta entrevista faz parte da coleta de dados da pesquisa monográfica intitulada: **Motivação e Aprendizagem na Construção da Autoestima**: uma observação realizada nos anos iniciais do Ensino Fundamental, elaborada pela discente Nataniele de Almeida Carvalho, do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), sob a orientação da Profa. Emmanuelle Heradita Ribeiro Cavalcante. Este estudo tem como objetivo compreender como a motivação no ensino e aprendizagem pode colaborar na construção da Autoestima do aluno nas séries iniciais em Escola Pública e Particular de ensino ludovicense. Todos os dados informados serão tratados com total confidencialidade. A sua participação é fundamental para o sucesso desta pesquisa. **Obrigada pela cooperação!**

1. De que forma a autoestima interfere na aprendizagem do aluno?
2. O afeto entre professor e o aluno contribui para aprendizagem? Justifique.
3. A influência da família da escola interfere na formação da Autoestima? Justifique.
4. Como elevar a autoestima do aluno com baixa auto estima
5. Que medidas devem ser tomadas para elevar a autoestima do aluno? Como podemos evitar a baixa autoestima nas escolas?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E FILOSOFIA
CURSO DE PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

Prezado respondente, este questionário faz parte da coleta de dados da pesquisa monográfica intitulada: **Motivação e Aprendizagem na Construção da Autoestima**: uma observação realizada nos anos iniciais do Ensino Fundamental, elaborada pela discente Nataniele de Almeida Carvalho, do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), sob a orientação da Profa. Emmanuelle Heradita Ribeiro Cavalcante. Este estudo tem como objetivo compreender como a motivação no ensino e aprendizagem pode colaborar na construção da Autoestima do aluno nas séries iniciais em Escola Pública e Particular de ensino ludovicense. Todos os dados informados serão tratados com total confidencialidade. A sua participação é fundamental para o sucesso desta pesquisa. **Obrigada pela cooperação!**

1. Quantos anos você está lecionando nos anos iniciais?
() 0 a 2 anos () 2 a 5 anos () 5 a 10 anos () 10 anos ou mais
2. Você já teve ou já conheci alguns com baixa autoestima?
() Sim () Não
3. Os alunos têm dificuldade em se aceitar com ele mesmo?
() Sim () Não
4. Autoestima influencia na aprendizagem do aluno?
() Sim () Não
5. Fracasso escolar está relacionado com a autoestima?
() Sim () Não () Pouco
6. Os pais reconhecem a importância da autoestima no desenvolvimento intelectual e motor da criança?
() Sim () Não () Pouco

7. Percebe-se dificuldade na aprendizagem e desmotivação em alunos com baixa autoestima?

() Sim () Não

8. A efetividade é importante na formação da autoestima?

() Sim () Não

9. Você possui uma formação continuada?

() Sim () Não

10. No desenvolvimento da sua formação docente matemática auto estima foi abordada?

() Sim () Não